

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDEO NUNES DE BARROS**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**DANIEL FERNANDO ARAÚJO SAMPAIO**

**UM CONHECIMENTO INTEMPESTIVO: A RECEPÇÃO NIETZSCHANA**  
**NA ESCOLA DO RECIFE NOS ANOS 1870-1880 E A HISTORIOGRAFIA**  
**BRASILEIRA OITOCENTISTA.**

**PICOS/PI**

**2018**

DANIEL FERNANDO ARAÚJO SAMPAIO

**UM CONHECIMENTO INTEMPESTIVO: A RECEPÇÃO NIETZSCHANA  
NA ESCOLA DO RECIFE NOS ANOS 1870-1880 E A HISTORIOGRAFIA  
BRASILEIRA OITOCENTISTA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a disciplina de TCC1, do Curso de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí. Sob orientação do Professor Me. Jaaziel Carvalho.

**PICOS-PI**

**2018**

**FICHA CATALOGRÁFICA****Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí****Biblioteca José Albano de Macêdo****S192c** Sampaio, Daniel Fernando Araújo

Um conhecimento intempestivo: a recepção nietzschana na Escola do Recife nos anos 1870-1880 e a historiografia brasileira oitocentista. / Daniel Fernando Araújo Sampaio. – 2018.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (61f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí., Picos, 2018.

Orientador: Prof. Me. Jaaziel de Carvalho Costa

1. Escola do Recife–1870-1880.
2. Nietzsche.
3. Historiografia-Brasil. I. Título.

**CDD 907.2**





DANIEL FERNANDO ARAÚJO SAMPAIO

**UM CONHECIMENTO INTEMPESTIVO: A RECEPÇÃO  
NIETZSCHIANA NA ESCOLA DO RECIFE NOS ANOS 1870-1880 E A  
HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA OITOCENTISTA**

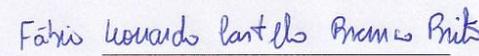
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura  
Plena em História, do Campus Senador Helvídio  
Nunes de Barros, da Universidade Federal do  
Piauí.

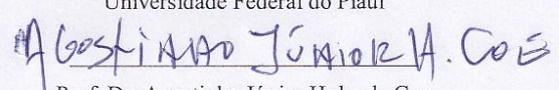
Orientador: Prof. Me. Jaaziel Carvalho

Aprovada em: 28 /09/2018

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Me. Jaaziel de Carvalho Costa  
Orientador - Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí  
Universidade Federal do Piauí

  
Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito  
Doutor em História social pela Universidade Federal do Ceará  
Universidade Federal do Piauí

  
Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe  
Doutor em História das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz - COC - RJ  
Universidade Federal do Piauí

PICOS/2018

DANIEL FERNANDO ARAÚJO SAMPAIO

**UM CONHECIMENTO INTEMPESTIVO: A RECEPÇÃO  
NIETZSCHIANA NA ESCOLA DO RECIFE NOS ANOS 1870-1880 E A  
HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA OITOCENTISTA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura  
Plena em História, do Campus Senador Helvídio  
Nunes de Barros, da Universidade Federal do  
Piauí.

Orientador: Prof. Me. Jaaziel Carvalho

Aprovada em: 28 /09/2018

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Me. Jaaziel de Carvalho Costa  
Orientador – Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí  
Universidade Federal do Piauí

---

Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito  
Doutor em História social pela Universidade Federal do Ceará  
Universidade Federal do Piauí

---

Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe  
Doutor em História das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz - COC - RJ  
Universidade Federal do Piauí

**PICOS/2018**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me mantido sempre com fé independentemente dos problemas, a meus familiares, em especial a meu pai Washington Barbosa Sampaio, minha mãe Zildete Araújo Moura Sampaio, meu avô Francisco Mendes Sampaio, minha avó *in memoriam*, Severina Barbosa Sampaio e a minha namorada Bruna Kaise Leal Rodrigues por todo apoio que me prestaram durante minha jornada acadêmica. Aos meus tios e tias Júnior, Walter, Ana Karina, Zilvane, Zilvanete, Zilmar, Oscar, Hoziel e Dimas. Enfim, a todos os familiares, amo-vos.

Ao meu Orientador, Prof. Me. Jaaziel Carvalho por toda paciência e competência no decorrer da elaboração deste trabalho.

A toda turma de História do ano de ingresso 2014.1, por compartilhar todas as dores e sofrimentos acadêmicos.

Aos professores Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco, por todo companheirismo e carisma durante todo o curso e ao Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe por todas as contribuições intelectuais no decorrer da minha caminhada acadêmica.

A vontade é impotente perante o que está para trás dela. Não poder destruir o tempo, nem a avidez transbordante do tempo, é a angústia mais solitária da vontade.

*Friedrich Nietzsche*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. FRIEDRICH NIETZSCHE: UMA BREVE APRESENTAÇÃO.....</b>	
	<b>9</b>
<b>3. AS CORRENTES HISTORIOGRÁFICAS E/OU FILOSÓFICAS PRESENTES NO BRASIL DO SÉCULO XIX.....</b>	
	<b>24</b>
3.1. VON MARTIUS.....	30
3.2. VARNHAGEN.....	32
3.3. RAIMUNDO NINA RODRIGUES.....	33
3.4. MANOEL BONFIM.....	35
3.5. CAPISTRANO DE ABREU.....	36
<b>4. A RECEPÇÃO NIETZSCHIANA POR TOBIAS BARRETO: OS IMPACTOS.....</b>	
	<b>31</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	
	<b>47</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	
	<b>49</b>
<b>7. ANEXOS.....</b>	
	<b>51</b>

## 1 - Introdução

No Brasil, são recentes os estudos sobre o filósofo Friedrich Nietzsche, no que diz respeito a recepção de suas ideias. Nietzsche trabalha intelectualmente na segunda metade do século XIX, em que ingressou com mais força nos estudos filosóficos, apesar de sua primeira área de estudos ter sido a filologia. O filósofo sempre foi preocupado com a cultura alemã e ocidental da sua época, o mesmo fazia assíduas críticas sobre a ciência, teorias filosóficas e até mesmo sobre a escrita da história.

Porém, em nosso trabalho, direcionaremos mais precisamente para a recepção de suas ideias no Brasil, no final do século XIX (1870-1880), mais especificamente na Faculdade de Direito do Recife, pelo movimento intelectual denominado Escola do Recife, encabeçado por Tobias Barreto, buscando compreender como foi sua recepção por intelectuais brasileiros da época supracitada. No entanto, neste trabalho, analisar as obras de Nietzsche em si, não será um de nossos objetivos, e sim abordar a recepção de suas ideias no período e espaço citados anteriormente, ou seja, como suas ideias foram utilizadas por esses intelectuais. Portanto, o objetivo do nosso trabalho será tratar como esses intelectuais receberam as ideias nietzschianas.

Com isso buscamos fazer alguns apontamentos da primeira recepção de suas ideias no Brasil no final do século XIX, mais precisamente nos anos 1870-1880, utilizando algumas obras de seus comentadores como suporte para fundamentar nosso trabalho, ressaltando o seguinte: como essa temática não é tão popular entre os historiadores, utilizaremos trabalhos de filósofos para fundamentar parte do nosso trabalho. Os comentadores/filósofos utilizados serão Scarlett Marton e Tiago Lemes Pantuzzi. A primeira, no intuito de apresentar breves apontamentos sobre a biografia de Nietzsche, já que a mesma é considerada uma das maiores pesquisadoras sobre o filósofo alemão na América Latina. O segundo comentador-filósofo, será utilizado de maneira a conhecer de forma mais abrangente os seus ideais e a recepção de seu pensamento no Brasil, mais precisamente na Faculdade de Direito do Recife, para se entender a recepção nietzschiana entre os intelectuais da época. Além do mais, para sedimentarmos estas fontes, utilizaremos escritos de Tobias Barreto, Silvio Romero e Antonio Paim para dar mais consistência ao nosso trabalho.

Por conseguinte, é imprescindível, apontar a recepção das ideias do filósofo no país, no final do século XIX, já que é o século em que o intelectual está ativamente produzindo. Além do mais, para isso, seria preciso apontar de forma breve a influência historiográfica e o

contexto histórico que estava em voga no século oitocentista no Brasil como é o caso do positivismo, o historicismo alemão e o evolucionismo, em autores como Von Martius, Adolfo Varnhagen e Capistrano de Abreu, para assim entender melhor o contexto histórico em que a recepção do pensamento nietzschiano foi dada por parte dos intelectuais da época, utilizando um pequeno artigo encontrado no Caderno de resumos & Anais do 2º seminário Nacional de História da Historiografia e através de escritos de Arno Wheling e José Murilo De Carvalho, este último utilizado para se entender o contexto histórico-social do país na época referida.

Dito isto, podemos enunciar nosso problema de pesquisa a partir da seguinte questão: como foi recepcionado o pensamento nietzschiano pelos intelectuais brasileiros no final do século XIX? Para situar melhor essas questões, seria preciso apontar de forma breve quais pensamentos, ideologias ou filosofias estavam sendo vigentes no Brasil da segunda metade do século oitocentista, para entender ou pelo menos amenizar dúvidas sobre a questão da recepção nietzschiana.

Embora foquemos com mais ênfase na recepção nietzschiana, que será apontada e desenvolvida no decorrer do nosso trabalho, este tema se justifica pelo fato de que o pensamento nietzschiano vem ganhando espaço, aos poucos, no meio acadêmico, mais especificamente, entre os historiadores, através da sua problemática de ruptura com a ideia teleológica da história, da ideia de “saturações de agora”, que vem em si, marcada por uma história vista de baixo, não enfatizando a história diplomática, dos grandes nomes, da história política, etc. Para além disso, nosso trabalho vem para desmistificar e ratificar duas questões: respectivamente, o primeiro ponto vem para mostrar que no Brasil no final do século XIX não havia apenas leituras de obras de autores positivistas ou afins; o segundo ponto vem para elucidar que, ademais, no Brasil algumas leituras que procuravam inovar as linhas de pensamento comuns na época não eram bem recepcionadas pela grande parte dos intelectuais da época supracitada.

Enfim, estruturamos nosso trabalho da seguinte maneira: no capítulo 1, iremos abordar, de forma breve, a vida e obra do filósofo, buscando de certa forma apresentar a personagem histórica, Friedrich Nietzsche, aos leitores. No capítulo 2, iremos apontar as correntes ideológicas em voga no Brasil, no final do século XIX, através da historiografia brasileira, a fim de se entender a recepção nietzschiana entre os intelectuais, citados anteriormente, nesse período. No capítulo 3 iremos abordar as primeiras receptividades do filósofo alemão na Escola do Recife com Tobias Barreto, para buscar apontar a receptividade das obras de Nietzsche no Brasil. Por fim, exporemos as considerações finais.

## 2 - Friedrich Nietzsche: uma breve apresentação.

Friedrich Wilhelm Nietzsche, nascido em Röcken, Prússia, em 15 de outubro de 1844, falecido em Weimar, Império Alemão, no dia 25 de agosto de 1900, foi filósofo, crítico cultural, filólogo e poeta da Prússia, hoje atual Alemanha. Nascido numa família luterana, o mesmo até pensou em seguir a carreira de pastor na igreja protestante, contudo, foi aos poucos negando a crença religiosa, principalmente durante sua adolescência, e sua relação com a filosofia o afastou do campo teológico.

O filósofo alemão ingressou sua vida acadêmica na universidade de Bonn, por lá participou da Burschenschaft Frankonia, uma fraternidade alemã, que também acabou deixando de lado devido a seus estudos. Mudou-se para a universidade de Leipzig, com o intuito de acompanhar seu mestre, que o mesmo via como um pai, que era o professor Friedrich Wilhelm Ritschl. Durante esse período em Leipzig conheceu as obras do também filósofo Arthur Schopenhauer, que o influenciou bastante a seguir a carreira filosófica.

Como filólogo clássico, sempre atento aos escritos gregos e romanos da antiguidade, se debruçou com estudos dionisíacos, foi nomeado aos 24 anos de idade para a cátedra de Filologia na universidade da Basileia (o mais novo a conseguir o feito), adotando nesse período a nacionalidade suíça. Por lá desenvolveu por cerca de algum tempo a aptidão filosófica em sua relação com os escritos pré-socráticos, dentre eles, os principais da predileção de Nietzsche eram Heráclito e Empédocles.

Durante o tempo que ficou na Basileia, desenvolveu uma amizade com o historiador Jacob Burckhardt e o músico Richard Wagner, por quem nunca escondeu a admiração onde se lê nesse trecho na obra da pesquisadora Scarlett Marton, “A transvaloração dos valores”: “Apaixonado por sua música, fica surpreso ao descobrir no compositor um profundo conhecedor da filosofia schopenhaueriana.”<sup>1</sup>

Mais precisamente em 1870, Nietzsche foi voluntário para ocupar vagas de enfermeiro na guerra franco-prussiana, por lá Nietzsche teria uma experiência na qual jamais esqueceria e que o marcaria pelo resto da sua vida, inclusive teve curta participação devido a doenças/infecções que adquiriu durante a vida de enfermeiro. Scarlett Marton chega a apontar em sua obra “A transvaloração dos Valores”: “Embora breve, a participação na guerra deixa

---

<sup>1</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 26

marcas profundas em seu espírito. Entende que preservar a tradição cultural é mais relevante que ser tomado pelo alvoroço político da modernidade”.<sup>2</sup>

Se sentindo pressionado pela vida como professor universitário e pelas experiências que tivera na guerra franco-prussiana, redigiu em 1872 sua primeira obra enquanto filósofo, intitulada “O Nascimento da Tragédia”. A obra foi recebida com críticas ácidas pelos intelectuais da época. Sendo inclusive nomeado por alguns colegas da academia de “a desgraça de Schulpforta”, instituição onde Nietzsche estudou. Veja no trecho a seguir da obra “A transvaloração dos valores”, da autora Scarlett Marton:

Ao ser lançado, O nascimento da tragédia agrada a muito poucos. Suscita ataques violentos por parte do helenista Williamowitz-Möllendorf, que baseado em argumentos puramente científicos, desqualifica o livro por considera-lo demasiado literário e imaginativo.<sup>3</sup>

Nietzsche neste momento perde muito de sua credibilidade, tinha muitos alunos, contudo são poucos que o procuram agora. Porém, o mesmo não para, continua a escrever e em 1874 escreve as “Considerações Extemporâneas”, das treze que planejava conseguiu escrever apenas quatro, que são elas: “David Strauss, o devoto e o escritor”, “Da utilidade e desvantagem da história para a vida”, “Schopenhauer como educador” e a última que só saiu em 1876 intitulada de “Richard Wagner em Bayreuth”.

Nesse período, o filósofo conhece alguns intelectuais: Mawilda von Meysenbug, escritora feminista, que será sua melhor amiga durante algum tempo. Paul Rée, médico, escritor de obras de cunho moralista, o mesmo será o amigo de leitura mais estimado de Nietzsche. Em 1875 fica próximo de Heinrich Köselitz, acadêmico de filologia, que durante sua vida adota o nome fictício de Peter Gast, o mesmo ajudará Nietzsche em sua quarta consideração intempestiva<sup>4</sup>, especialmente, com a parte da revisão da obra. As “considerações extemporâneas”, trazem consigo um ar desafiador, nos primeiros escritos Nietzsche traça uma crítica assídua à cultura de seu tempo, e nos últimos escritos relata a filosofia de Schopenhauer e as composições de Wagner como marcas significativas de uma repaginação na cultura alemã da época.

Entretanto, esse escrito enaltecendo dos respectivos mestres, não é tão duradoura assim, pois mais tarde, mais precisamente em sua última obra, “Ecce homo”, considerada sua autobiografia, irá afirmar que quando escreveu sobre Schopenhauer e Wagner, na verdade

<sup>2</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 24

<sup>3</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 26

<sup>4</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Richard Wagner em Bayreuth*, 1876.

estava falando dele mesmo. O mesmo não está mais interessado em escrever sobre ideias de outrem. Resistente à compromissos, deseja colocar suas potencialidades em busca de uma escrita do próprio saber.

Uma curiosidade acerca dos escritos de Nietzsche, é que muitos se perguntam como Nietzsche começou a escrever em aforismos. O filósofo alemão era contrário à teorias e filosofias prontas, então agrupa todas as notas que até então havia redigido, eram bastantes escritos, todos avulsos e tratando de temáticas distintas e conseqüentemente não havia nenhuma relação entre elas, resolve então adotar o sistema de escritas em aforismos, ou seja, frases curtas, que em seu sentido são mais complexos do que aparenta, “uma frase, mil interpretações. ”. Popularmente alguns intelectuais que pesquisam Nietzsche, acreditavam também que o mesmo escrevia em aforismos devido a seus problemas de saúde, Nietzsche sempre se queixou de fortes dores de cabeça, e quando estava escrevendo não conseguia ficar muito tempo com a cabeça baixa, então para evitar esse desconforto, o mesmo aderiu ao sistema de frases curtas que queria dizer muito mais do que aparentava, os aforismos, mas isso são apenas especulações, não há nenhuma prova contundente que legitime esse argumento.

Prosseguindo com sua biografia, em 1878, Nietzsche escreve a obra “Humano, demasiado humano”, em homenagem aos cem anos da morte de Voltaire. Seus colegas lidam com a obra de formas bastantes distintas, onde se percebe em “transvaloração dos valores”: “Erwin Rohde, mostra-se consternado; Mawilda Meysenbug não consegue esconder seu embaraço. Burckhardt, Overbeck, Paul Rée e Peter Gast, porém, são pródigos em elogios. ”.<sup>5</sup>

Nietzsche também mostrara sua obra para Richard Wagner, neste ponto sua relação com o compositor já estava um pouco abalada. O filósofo o havia ajudado algum tempo com projetos de divulgação das ideias do compositor, para erguer seu próprio teatro. Por uma coincidência demasiada, a publicação da quarta consideração intempestiva que trata justamente do compositor, foi no mesmo dia da inauguração do teatro do artista em Bayreuth. Após assistir às primeiras apresentações, infelizmente teve uma má conclusão, o que era para ser arrecadado para o instituto da nova cultura, na verdade só serviu para o lucro, a opulência e o luxo. Richard Wagner então se tornara bastante famoso numa sociedade segundo Nietzsche, medíocre. Cabisbaixo Nietzsche então retorna à Basileia. Acompanhado por uma baixa na saúde bem notável, onde teve suas atividades na universidade dispensadas.

---

<sup>5</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 28

Juntamente de seu colega Paul Rée, vai à Itália, e por lá foi recepcionado por Mawilda von Meysenbug.

No ano de 1879, pode afirmar-se como um dos piores momentos da vida do filósofo, cada dia que passa sua saúde tende a piorar, fortes dores de cabeça e na vista o bloqueiam dos estudos, isso já vinha ocorrendo desde o início dos anos 1870. E as tarefas e ocupações profissionais, o mesmo vai deixando de lado. Naquele mesmo ano, decide se demitir de vez da Universidade da Basileia. Graças a esforços de Overbeck, recebe uma pensão pelos serviços prestados nos últimos anos, e é com esta pensão que sobrevive até o final de sua vida. Nietzsche adquire então uma vida nômade, percorrendo vilarejos na Suíça. A vida doentia, no entanto, não o deixa em paz, as dores de cabeça só aumentavam, vômitos eram frequentes, sua vida estava no fundo do poço. Onde nota-se nesse trecho de “A transvaloração dos valores”:

Atinge o ponto mais baixo de sua vitalidade; seu estado de saúde é desesperador. Atravessa mais de setenta horas de dores ininterruptas, mais de cento e dezoito dias de crises graves. E uma das mais violentas de toda sua existência sobrevém com o final do ano. Recluso no quarto, janelas fechadas, cortinas descidas, ele espera a morte. Mas os primeiros dias de primavera parecem atenuar seu sofrimento; sente-se renascer das suas próprias cinzas. Não mais suporta a dor, aprendeu a amá-la.<sup>6</sup>

Por uma década, na Suíça, a cidade da Basileia se tornou seu lar, por lá fez amigos, trabalhou muito tempo, criticou a vetustez e rigidez acadêmica, foi professor e aluno, nunca deixou de ser crítico, porém, sempre teve metas. Andou nas estradas da Suíça, Itália, Alemanha e França e sonhou em ir a lugares mais longes, como a América e o Oriente.

No início de 1881, Nietzsche conclui sua obra intitulada “Aurora”, obra de cunho crítico-moralista. Logo após um ou dois meses, encontra seu amigo Peter Gast na Itália, por lá o mesmo ajuda o filósofo com a correção e revisão da obra que seria publicada na metade de 1881.

Na sua procura por novos ares, Nietzsche se instala na vila de Sils Maria, localizada na Suíça, por lá o filósofo terá uma rotina em forma de ciclo, pois faz estudos pela manhã, depois faz algumas caminhadas para oxigenar o cérebro, volta ao crepúsculo com uma espécie de agenda lotada de escritos, provavelmente anotações enquanto o mesmo fazia suas caminhadas vespertinas. Por um certo período no ano, Nietzsche ficará em Sils Maria até 1888. E é justamente em uma dessas andanças errantes, em 1881, que surge a ideia no eterno retorno:

Num dia de agosto de 1881, numa de suas caminhadas habituais pelos alpes, Nietzsche detém-se ao lado de um rochedo, em forma de pirâmide, próximo de uma localidade chamada Surlei. É lá que lhe vem seu “pensamento mais abissal”; é então

---

<sup>6</sup> MARTON, Scarlett. A transvaloração dos valores. P. 30, 1993.

que o atravessa a visão do eterno retorno. Tudo retorna sem cessar. Se o universo tivesse um objetivo, já o teria atingido; se tivesse alguma finalidade, já a teria realizada.<sup>7</sup>

Para Nietzsche, não existe um rei absoluto com poderes ilimitados, porque todos os aspectos já são reconhecidos – não são infinitos os fatores que formam o universo, não é infinito as possibilidades entre eles; “só o tempo é eterno”<sup>8</sup>. Para o filósofo, tudo que já teve existência na face da terra, voltará a ter existência novamente. Ou seja, cada momento, voltará a existir um número incontável de vezes. Para ele, o universo, é marcado por um ciclo vicioso sem fim. Certo tempo após esses escritos, começam as crises sentimentais de Nietzsche, onde existe a alteridade/mudança entre alegria e tristeza, êxtase e melancolia/depressão.

Nietzsche já estava redigindo “A gaia ciência”, uma de suas obras mais conhecidas, quando havia retornado para a Itália, onde por lá sua crise na saúde só piorava, no final de 1882, termina de redigir a obra, a última obra citada. Acredita-se que “A gaia ciência” tenha relação direta com “Aurora e “Humano, demasiado humano”, pois são obras de cunho moralista. Nessas obras o filósofo critica a imposição de leis, normas, convenções sociais e formas distintas de pensamento:

Examina o papel do direito, moral, tradição e costumes na vida em coletividade; investiga a educação familiar, cívica, política ou religiosa. E trata ainda de várias outras questões. Pensa sobre as relações entre arte e ciência e escreve acerca da literatura, música e poesia. Comenta suas leituras e faz severas críticas à cultura alemã. Analisa sentimentos morais, como a vingança, remorso e culpa.<sup>9</sup>

Em outras palavras, Nietzsche praticamente discutia sobre tudo ou todo assunto que estava em voga na sua época, tratando prepositivamente do fundo moral ou científico de cada temática. Erudito, quase sempre discutia e colocava em pauta suas leituras, entusiasmos e fracassos ou decepções, pois vivia essa extrema dicotomia de euforia/depressão, devido a suas doenças.

Ainda na Itália, o filósofo encontra seu colega Paul Rée, e faz vários passeios com ele na Itália e na França, Paul Rée vai para a capital italiana, Roma, e o filósofo vai para Bordô, na França. Num barco que seguia para Bordô, Nietzsche escreve “Idílios de Messina”, um conjunto de poemas. No fim de abril, o filósofo chega à capital italiana, onde encontra Mawilda Von Meysenbug. Não se acostuma com a solidão, tentou se casar várias e várias vezes, mas nunca teve êxito.

<sup>7</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 31

<sup>8</sup> MARTON, Scarlett, A transvaloração dos valores, P. 31, 1993.

<sup>9</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 37

Na primavera de 1882, o filósofo conhece Lou Salomé, poeta russa, são apresentados através de Paul Rée, amigo em comum dos dois, em um passeio pela Itália. Louise Von Salomé com apenas vinte e um anos, viajava para a Itália com sua mãe. Nessa idade, tinha uma independência virtuosa em relação às moças daquela época, porém, era bastante comum em sua terra natal, Rússia.

Iniciou sua frequência nos círculos intelectuais, e resolveu focar suas habilidades na literatura. Na pessoa de Friedrich Nietzsche, julgava se deparar com um intelectual a quem pudesse se espelhar ou conseguir contribuições para seu trabalho. Na pessoa de Lou Salomé, Nietzsche se deparava com uma discípula, a quem esperava dar continuidade a sua linha de pensamento e até algo mais que uma relação profissional.

Avenças e desavenças, encontros e desencontros permeiam essa relação complexa e acima de tudo, passageira. Nietzsche apaixona-se pela sua “capacidade de escuta” e seu espírito livre, o filósofo apaixonara-se pela literata russa, pela sua ânsia de vida, seu ar intelectualizado. Só que não foi recíproco, perceba nesta passagem:

Com Lou e Paul Rée, ele deixa Roma no começo de maio rumo à Suíça. Em Orta, despede-se dos companheiros de viagem para passar alguns dias com Overbeck na Basileia; Em Lucerna torna a encontrá-los com uma decisão tomada: quer casar-se com Lou; ela recusa. Uma afetuosa amizade nasce, então, entre eles. Longos passeios, animadas conversas.<sup>10</sup>

Após esse evento em sua vida, Nietzsche retorna à Alemanha, mais precisamente em Naumburgo, para perto de sua família, faz uma rápida viagem à Berlim e se estabiliza em Tautenburgo para passar o verão. Por lá encontra Lou Salomé, estava praticamente oito anos sem compor. Fica motivado para fazer uma pequena música do poema de Lou Salomé, chamado “Oração à vida”. Em setembro, depois de alguns desentendimentos com a família, vai para Leipzig. Paul Rée e Lou Salomé chegam logo mais, os três intelectuais planejavam fazer pesquisas em cidades grandes, o filósofo resolve logo antecipar os estudos e pretende ir para Paris, capital francesa.

No final de 1882, Nietzsche acaba indo para Gênova, na Itália, novamente. O mesmo desconfia de que seu colega, Paul Rée, também esteja apaixonado pela literata russa, Lou Salomé, e ainda acha que, diferente dele, este amor seja correspondido. Bastante triste, fica alguns dias na residência de Overbeck na Basileia. Paul Rée e Lou Salomé viveram juntos em

---

<sup>10</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 33

Berlim por cinco anos, a literata russa acabou casando-se com Friedrich Carl Andréas, tendo uma ótima relação com o mesmo.

Lou Salomé devido a sua intelectualidade e sua personalidade marcante, fará amigos famosos em Berlim e participará ativamente de rodas literárias e até mesmo de círculos psicanalíticos na capital austríaca, Viena, admirando bastante a obra do psicanalista Freud. Publicou durante sua carreira, mais de vinte livros e inúmeros artigos sobre várias temáticas. Como era amiga de Nietzsche, apaixonada por Rilke e uma grande admiradora da obra psicanalítica de Freud, decide fazer a biografia desses três intelectuais, a primeira em 1894 sobre o filósofo alemão, a segunda em 1927 sobre o poeta tcheco e a última em 1931 sobre o psicanalista austríaco.

Friedrich Nietzsche ainda continua a ter desavenças com sua família, temem que sua relação com a literata russa vá prejudicar sua reputação, ou seja, há uma troca de terríveis ofensas entre o mesmo e sua família. Extremamente confuso não sabe mais quem ouvir e confiar. Naquele mesmo ano, 1882, tem seus laços de amizade rompidos com Lou Salomé e Paul Rée e para de trocar mensagens com sua família. Sentimentos suicidas o perseguem pelo resto do ano, tenta se matar três vezes usando drogas em alta quantidade.

O ano de 1882 tem fim, no meio de tanta desgraça, em fevereiro de 1883 Nietzsche ainda consegue produzir, e em poucos dias consegue escrever a primeira parte de sua obra “Assim falou Zaratustra”, uma de suas obras mais famosas. Termina de escrever a última parte do livro em 1885.

Zaratustra é o mensageiro do eterno retorno, a voz do além-do-homem. Para Nietzsche, se criar é ultrapassar-se, a criatura deve prevalecer-se sobre o criador, para que o além-do-homem exista é preciso haver morte. O mesmo indica para uma nova maneira de raciocinar, refletir, um texto com uma carga de ética bem complexa. Não nasceu de uma linearidade nem de uma teleologia, pois, segundo ele, no infinito todas as retas se tornam curvas. O universo é cíclico, faz movimentos eternos e quem ousa interferir, modifica o espaço-tempo. O eterno retorno e o além-do-homem são teorias que não podem se dissociar. Um é o penhor do outro. A obra se depara com muitas dificuldades para ser lançada na mídia:

A primeira parte do livro leva seis meses para ser lançada. O editor cumpria sem pressa o contrato com um autor malsucedido, preferindo imprimir cânticos religiosos e brochuras antisemitas. Aceita ainda editar, juntas, a segunda e a terceira parte, mas recusa categoricamente a quarta. Dela, sem alternativa, Nietzsche custeia

uma tiragem de quarenta exemplares. E, desde então, assume todas as despesas de suas publicações.<sup>11</sup>

É verdade que, ninguém se interessa pela obra. Nos meios acadêmicos, não se escuta um comentário sobre a obra e nos jornais e nas revistas nenhuma publicação sobre a mesma. Sobre Zaratustra, Nietzsche comenta com um amigo o seguinte: “É um livro incompreensível, porque remete exclusivamente a experiências que não partilho com ninguém. ” E ainda confessa: “Se eu pudesse dar-lhe uma ideia de meu sentimento de solidão! Nem entre os vivos e os mortos, não tenho ninguém de que eu me sinta próximo. ”. Ou seja, inclusive na sua própria nação o filósofo sente-se numa solidão extrema. .

No ano de 1883, como foi escrito anteriormente, teve sérias discussões com a família e em 1885 despede-se da sua irmã Elizabeth, que ia com seu Marido antisemita, Bernhard Förster, para o Paraguai, lá tinham o objetivo de fundar uma espécie de colônia ariana denominada em espanhol de “La nueva Germania”.

Em nenhum momento Nietzsche larga seus estudos, nem mesmo sua vida vagabunda/errante e sua doença interminável conseguem barrá-lo. Estuda mais a fundo os textos bíblicos, analisa os textos de Heródoto, Tucídides e Platão, entre os iluministas: Voltaire e Diderot, adora ler romances de autores como Balzac, Sand, especialmente, o russo Fiódor Dostoiévsky. Estuda a fundo também as ciências biológicas, a psicologia e estudos etnográficos.

Sua doença naturalmente se agrava, e com isso não consegue ler com qualidade, e logo pede ajuda ao seu colega Peter Gast, onde o mesmo lê para Nietzsche em voz alta, transcreve suas ideias e o ajuda na revisão dos textos.

Em 1885, Nietzsche pensa seriamente em fazer uma reformulação de “Humano, demasiado humano” e ainda mais, pretende redigir mais uma consideração extemporânea sobre Richard Wagner, que falecera em 1883 de ataque cardíaco. No entanto nenhuma dessas ideias tomou forma.

Em 1886, escreve “Para além do bem e do mal”, escreve também prefácios para: “Humano, demasiado humano”, “A gaia ciência” (quinta parte), “O nascimento da tragédia” e “Aurora”. No ano seguinte, apreensivo sobre a cultura e a situação da Europa, escreve “O

---

<sup>11</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 35

niilismo europeu”, ainda em 1887 escreve “Para a genealogia da moral”, que seria uma história derivada de “Para além do bem e do mal” como uma espécie de complementação.

Durante esse período, por incrível que pareça, recebeu alguns elogios de seus escritos mais recentes, por exemplo, do professor de estética e história da arte de Paris, Hippolyte Taine recebe boas críticas em relação a obra “Para além do bem e do mal”, do professor de Literatura comparada na Dinamarca, Georg Brandes, recebe uma carta bastante contente em relação à obra “Para a genealogia da moral”, pois nessas duas obras o autor procura mostrar, como aparecem os valores e, em especial, os valores moralistas. E que esses valores não existiam desde sempre, são criações humanas ou “Humanas, demasiada humanas”. E que críticas ou avaliações sobre esses valores não passam de necessidades para a “transvaloração dos valores”.

O filósofo elabora seus últimos escritos em 1888, em “O caso Wagner”, faz críticas sobre a obra do compositor Richard Wagner. É uma espécie de complementação em relação à quarta consideração extemporânea, onde o filósofo faz uma homenagem ao compositor. Na obra “Crepúsculo dos ídolos” procura sondar os ídolos, as instituições de grande influência, a moral, o nacionalismo alemão, para desmantelá-los a golpes de martelo, daí a expressão famosa, “filosofia a marteladas”.

No “Anticristo” busca criticar tudo que é relacionado à doutrina do cristianismo. Na sua autobiografia, “Ecce Homo”, o mesmo almeja contar sua história familiar, explora seus adjetivos positivos e negativos, fala mais sobre sua doença, sua dieta, os locais por onde passou, e por fim, anuncia seu objetivo enquanto intelectual: desmorronar a doutrina cristã moralista.

Na obra “Nietzsche contra Wagner”, um conjunto de escritos reunidos de suas próprias obras, procura enfatizar que desde 1877 ele e Richard Wagner são contrários e opostos. Nos seus escritos o filósofo deixa escapar que sempre teve o desejo de escrever um livro em particular, que seria intitulado “A vontade de potência”, porém o livro nunca existiu.

Desde o começo dos anos 1870, Nietzsche estava doente, dentre os sintomas: dores no estômago, enjoos e vômitos, fortes dores de cabeça, miopia e sensibilidade à luz. Fez vários exames, mas nunca se descobriu o que de fato tinha. Fazia diversos tratamentos, porém, todos em vão. Ele mesmo era seu próprio médico, buscava os melhores locais para ficar, fazia diversas dietas, utilizava vários tipos de drogas, dentre elas, haxixe, soporíferos e drogas javanesas.

Entre o final de 1888 e início de 1889, escreve cartas com distintas assinaturas. Quando estava em Turim, Itália, o mesmo teve fortíssimas dores de cabeças que o fizeram entrar em delírio, tendo convulsões, com alteridade de sentimentos, como estado de agressividade e pacificidade. Seguindo orientações médicas, Overbeck fica encarregado de levá-lo da Itália para a Suíça. E no início de 1889, Nietzsche é internado em um hospital psiquiátrico na Basileia.

Dias depois é transferido para a clínica de Iena. Certo tempo depois, ainda no mesmo ano, sua mãe é autorizada a visitá-lo com frequência. Em 1890, se despede da clínica sob a responsabilidade da mãe. Passa os últimos anos da sua vida sob os cuidados da sua família, não sabia absolutamente de nada que acontecia ao seu redor, neste ponto da sua vida, já tinha perdido as suas faculdades mentais, e em 1900 chega a falecer.

Até hoje, não se descobriu de forma precisa as origens da doença de Nietzsche, uns acreditam que há uma carga genética por trás da mesma, outros ainda acreditam que foi desenvolvida a partir do uso abusivo de drogas e também pela sífilis. Há, entretanto, outros que resolveram colocar Nietzsche no patamar de intelectual, deixando de lado essas indagações.

Decidiram então fazer uma espécie de revisão de suas teorias e ideias, bem ao auge de sua demência, caracterizando diferentes datas a aparição dos primeiros sintomas da doença. Ademais, tentaram ainda, identificar os textos no qual Nietzsche havia escrito sob o efeito das drogas. Em outras palavras, não foram escassos os que se aproveitaram da forma débil que Nietzsche se encontrava, principalmente no final de 1889, que é onde seu estado se encontra mais agudo.

Elizabeth Nietzsche, sua irmã, que havia voltado do Paraguai falida pois o “acampamento ariano” tinha sido um fiasco e seu marido havia se suicidado, foi uma dessas pessoas que se aproveitaram do estado débil de Nietzsche:

No final de 1890, sua irmã Elizabeth regressou endividada à Alemanha. A colônia ariana “La Nueva Germania” no Paraguai fracassara e seu marido se suicidara. Surpreendendo-se com a procura sempre crescente das obras de Nietzsche, ela levou a mãe, através de tramites judiciários, a ceder-lhe a custódia de todos os seus escritos. Elaborou uma nova edição de seus livros, supervisionou as publicações, insistiu no lançamento de edições baratas. Leilou manuscritos das conferências “Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino”, vendendo-os para um jornal popular em dezembro de 1893; autorizou a publicação do *Anticristo* em

setembro de 1895; organizou uma antologia de poemas lançadas antes do natal de 1897.<sup>12</sup>

Não obstante, ela ainda se esforçou para difundir o nome do irmão na mídia. Entre 1893 e 1900 (ano de sua morte), Elizabeth fez do seu irmão a celebridade intelectual entre as revistas. Além do mais, escreveu inúmeros artigos científicos, monólogos a seus livros e uma biografia em três edições.

Não satisfeita, ainda bolou de sua cabeça uma obra mestra intitulada “A vontade de potência” e para seu primeiro volume juntou cerca de quatrocentos e oitenta e três fragmentos escritos depois da morte de Nietzsche, redigidos por ele mesmo entre os anos de 1887 e início de 1889, antes da sua crise mental. Foram escolhidos categoricamente, escritos de meses e meses e ainda sem respeitar a ordem correta dos escritos.

No intuito de dar credibilidade a sua empresa, ela não fraquejou em falsificar cartas do filósofo com sua amiga Mawilda Von Meysenbug. Conseguiu as genuínas, elaborou o texto a partir delas e depois deu fim às cartas. Mostrando-se como dona das cartas, planeja colocar a imagem de legitimidade ao lado dos editores e pessoas próximas a Nietzsche. Tinha como objetivo levar a crença de que sabia de todas as intenções do filósofo alemão para toda sociedade.

Com o dinheiro oriundo de doações e dos direitos autorais, Elizabeth Nietzsche conseguiu uma espécie de comunidade em Weimar, onde estabilizou os documentos e arquivos de Nietzsche. Sempre recebendo diversas celebridades do mundo intelectual e político, colocando o filósofo no centro das conversas; com um tempo depois, irá permitir e fomentar o uso da filosofia de Nietzsche pelo governo de Hitler.<sup>13</sup>

Em meados de 1888, Nietzsche era desconhecido. Se uma de suas primeiras obras como filósofo, como por exemplo, a primeira das “Considerações extemporâneas” as outras subsecutivas não foram praticamente notadas. Seu pensamento só começou a ser realmente difundido quando um professor da Dinamarca, Georg Brandes, se afeiçoou por um de seus escritos:

*Se, Para além do bem e do mal* suscitou, enfim, algumas resenhas, *Para a genealogia da moral* atraiu as atenções de Georg Brandes, que decidiu difundir o seu pensamento. Carl Spitteler, jovem suíço, resenhou seus escritos num jornal em

---

<sup>12</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 39

<sup>13</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 42

Berna; Brandes faz conferências sobre sua filosofia na Universidade de Copenhague.<sup>14</sup>

O filósofo fazia muitos contatos para manter a tradução de seus textos. Tinha o intuito de lançar sua autobiografia, “Ecce Homo”, em 1889 e posteriormente lançar o “Anticristo” em sete línguas concomitantemente. Então, assim que iria ficar mais conhecido, veio sua crise psíquica e parou de vez sua carreira intelectual. Várias e várias vezes o filósofo tentava entender o incomum que o rodeava.

Nas suas cartas e nas suas obras, mencionava o silêncio que tinha peso sobre seus escritos e a obscura solidão que o cercava durante praticamente toda sua vida. Tinha pouquíssimos amigos e leitores, em seus últimos escritos o mesmo acreditava que havia nascido póstumo e que suas obras se antecipavam a seus futuros leitores, mencionando um público que ainda estava por vir; do seu período em questão, só poderia vir mal entendimento, deturpação e críticas ferrenhas. Ia da desgraça à esperança, parecia sempre mudar a “promessa da posteridade e a impossibilidade do presente”.<sup>15</sup>

Nos primeiros relances, a divulgação da obra nietzschiana provocou a esconjuração de seu pensamento. A força do seu pensamento foi fortalecida pelo interesse de sua biografia e por seu estilo de escrita. Momentos de sua vida, como nas vezes em que o mesmo foi internado em clínicas psiquiátricas, seduziram o foco das atenções, das dúvidas e das curiosidades:

Nos “círculos nietzschianos”, que começaram a proliferar em toda a Alemanha na passagem do século, genialidade e loucura eram termos indissociáveis. Tudo se passava como se a crise em que ele mergulhara o envolvesse numa aura de mistério, conferindo a afirmações suas o peso das proclamações de um profeta.<sup>16</sup>

Sua influência era muito mais notável na Literatura. Pois nela se inspiravam intelectuais naturalistas e expressionistas que não eram famosos, e também autores como Thomas Mann, Stefan George, Herman Hesse e Robert Musil. Eles partiam do pressuposto que Nietzsche não formulou um sistema, mas sim, criou uma espécie de espaço, de atmosfera que permitia respirar a filosofia nietzschiana.

Encantados com sua linguagem, viram nele a clareza das palavras, a perfeita ligação entre ritmo e sentidos, porém, acima de tudo, o viam como um intelectual estilista e deixavam

<sup>14</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 44

<sup>15</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 45

<sup>16</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 45

de lado as críticas na qual o filósofo empenhava em fazer da cultura de sua época e se detinham ao estilo de escrita que o filósofo utilizara. Entretanto, suas obras não inspiram autores renomados como antigamente, pois acham que sua escrita é “datada”.

Muitos soldados na primeira guerra mundial liam “Assim falou Zaratustra”. Porém, a contrariedade ou o encanto que a escrita nietzschiana causou nos indivíduos, não devem ocultar a perspectiva de quem se depara com seus escritos.

Antes de mais nada, Friedrich Nietzsche não queria nem um pouco ser acuado ou confundido. Para impressões deturpadas, tanto antissemitas quanto anarquistas se diziam seguidores de Nietzsche. No decorrer dos anos, será acudido por socialistas, nazistas, cristãos e ateus. Intelectuais de todo porte, viam nele um argumento, uma referência, mínima que seja. Criticando ou advogando seus escritos.

Na maioria das vezes, farão recortes aleatórios em sua filosofia no intuito de satisfazer interesses pessoais duma só vez. Nesse ponto de vista, quem achou que o entendeu está completamente errado a seu respeito; quem não o entendeu o reputou como errado.

No decorrer dos anos, vieram várias e várias interpretações de suas obras. Muitos tentaram esclarecer seus escritos através do viés da Psicologia. Compreendiam as possíveis confusões em seu pensamento como uma forma de manifestação de conflitos pessoais que aconteceram ao longo de sua vida. Outros se basearam na Psicanálise, concluía que seu pensamento era uma espécie de expressão de sua personalidade perturbada.

Ligavam sua ideia da vontade de potência a um sentimento pessimista. Acreditavam inclusive, que suas teorias sobre a morte de Deus e o Além-do-homem eram uma espécie de prelúdio para o início da consciência moderna. Outros, utilizando a perspectiva da Sociologia, buscaram explicar que muito de suas falas eram resultado de sua posição ideológica, que era a da elite imperialista alemã. Já os historiadores, buscaram mostrar os referenciais teórico-metodológicos que o filósofo utilizou e procuraram também fazer uma releitura de seus escritos. Buscaram inseri-lo no campo cultural da Alemanha oitocentista:

Outros puseram em relevo o conceito de valor e salientaram a importância do procedimento genealógico. Mas as influências dos escritos do filósofo fizeram-se sentir nas mais diversas áreas: na literatura, nas artes, na psicanálise, na política, na filosofia. Enfim, seus textos deixaram marcas indelévels em nossa cultura.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 73

Por diversos caminhos e trajetórias Nietzsche tornou-se famoso antes talvez de ser conhecido. Em meados de 1900, André Gide, disse que a influência nietzschiana antecipou o aparecimento de seus escritos. Preocupado com a divulgação do pensamento nietzschiano na França, mencionava o fato de seus escritos não terem sido traduzidos para a língua francesa. Aqui no Brasil, mais de cem anos depois, não foram traduzidas todas as suas obras para a língua portuguesa. No entanto, isso não impediu que seu pensamento motivasse, tão cedo, interesse entre os indivíduos.

No início do século passado, seus escritos já influenciavam a literatura anarquista. No mesmo período na Europa, Nietzsche era visto como um pensador revolucionário e na Espanha por exemplo, era chamado de “Anarquista intelectual”.<sup>18</sup> No decorrer de alguns anos, a filosofia nietzschiana foi o alicerce na Alemanha do pensamento nazista e até mesmo utilizada pela direita francesa.

De fato, existiram pessoas que denunciaram o enredo que conectava Hitler à Nietzsche. No período antes e durante a segunda guerra mundial, vários intelectuais se esforçaram para desfazer esse grave erro, dentre esses intelectuais encontravam-se nomes como Jean-Wahl e Bataille Klossowski. Já no Brasil, quando chegaram essas declarações sobre Nietzsche, Antônio Cândido, defendeu o filósofo alemão:

E aqui, quando chegava o ápice a difamação do filósofo, a voz do prof. Antônio Cândido fez-se ouvir em sua defesa. No ensaio “O portador”, publicado em 1946 no *Diário de São Paulo*, ele conclamou a que se levasse em conta “sua técnica de pensamento, como propedêutica à superação das condições individuais” e concluiu: “recuperemos Nietzsche”.<sup>19</sup>

Se o tentame nietzschiano não é ilimitado, ao se basear na ciência do século XIX para elaborar uma cosmologia, o filósofo vem com uma ideia inusitada que era a da genealogia. Este procedimento genealógico servia para identificar os valores instaurados. A genealogia muda no pensamento nietzschiano como um forte instrumento de crítica e embate à cultura do seu tempo. Mas na sua filosofia vem claro que o indivíduo necessita ter foco para mudar de hábitos, sair da zona de conforto e renunciar dentre outros fatores que não contribuam para o desenvolvimento de seu pensamento. Ou seja, para se tornar um “espírito livre” é um caminho longo. Nietzsche escreve em “A gaia ciência”:

... uma liberdade de vontade, em que um espírito se despede de toda crença, de todo desejo de certeza, exercitando, como ele está, em poder manter-se sobre leves cordas

---

<sup>18</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 74

<sup>19</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993. P. 74

e possibilidades, e mesmo diante de abismos dançar ainda. Um tal espírito seria o espírito livre *par excellence*.<sup>20</sup>

Por fim, um dos intelectuais mais renomados da história da filosofia, alvo de críticas ferrenhas e aclamados comentários durante grande parte de sua vida, escreveu várias obras sobre moral, religião e assíduas críticas sobre a cultura ocidental contemporânea, perpassando pelos campos da filosofia e da ciência, se utilizando muitas das vezes de metáforas e aforismos para redigir os seus textos.

Suas principais teorias colocavam em pauta a crítica à divisão apolíneo/dionisíaca, o perspectivismo, a morte de Deus, o Super Homem ou além-do-homem (Übermensch) e o eterno retorno. Sua ideia central é a ratificação da vida, que se relaciona com as questões de qualquer filosofia ou ideologia que negue a vida em prol de convenções sociais inerentes a esta, na maioria das vezes filosofias que abarcam uma porcentagem maior na sociedade.

Seu anseio extremo do valor e da objetividade sobre as “verdades absolutas” foi ponto central de suas pesquisas, e sua influência continua a ser relevante para a filosofia ocidental, compreendendo outras correntes teóricas como por exemplo o existencialismo, embora haja certa discussão a respeito desta última, e algumas ideias que alguns intelectuais hoje em dia afirmam ser “pós-modernas”, influenciando muitos outros intelectuais.

Seus questionamentos sobre a transcendência do ser além das estruturas tiveram uma repercussão fortíssima sobre intelectuais do final do século XIX e início do século XX, que se aproveitaram dessas ideias para as utilizarem como pontos iniciais para o processo de desenvolvimento de suas respectivas teorias.

Ultimamente, as questões nietzschianas foram utilizadas em diversas abordagens teóricas que vão do humanismo até mesmo o transumanismo, movimento intelectual recente que visa aprimorar a condição humana por intermédio das tecnologias de ponta para amplificar as capacidades humanas intelectuais, físicas e psicológicas.

Além do mais, no decorrer do trabalho apontaremos possíveis hipóteses interpretativas da recepção das obras de Nietzsche no Brasil no final do século XIX. Mostrando que grande parte dos Intelectuais da época estavam envolvidos em outras correntes ideológicas, correntes estas, que divergiam totalmente da perspectiva nietzschiana. O positivismo de Comte e o evolucionismo de Spencer, por exemplo, estavam incrustados nos intelectuais da época, que

---

<sup>20</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. 1882, §347

costumavam tratar não somente a História, mas outras disciplinas das ciências sociais tal qual as ciências exatas e naturais.

Percebe-se com essa breve apresentação, que Nietzsche era um intelectual intempestivo, ou seja, se utilizava de ideias que não eram convenientes a sua época e devido a isto, recebia fortes críticas por parte de seus pares. No próximo capítulo, apontaremos algumas correntes ideológicas que estavam presentes no Brasil do final do século XIX, como forma de contextualização intelectual, identificando alguns impactos que estas últimas causaram no universo intelectual brasileiro, e a ligação destas com as ideias nietzschianas.

### 3 – As correntes historiográficas e/ou filosóficas presentes no Brasil do século XIX

Neste capítulo, nós iremos abordar algumas correntes historiográficas que estavam presentes no Brasil e mostrar as questões que eram mais fortemente debatidas no período em que o filósofo alemão, Friedrich Nietzsche, escreve, mais especificamente, no final do século XIX, e ademais lançar um breve apontamento sobre o recorte temporal em questão, buscando mostrar o contexto histórico-intelectual em que as ideias de Nietzsche foram recepcionadas, fazendo isso através de intelectuais da historiografia brasileira.

No Brasil, a historiografia sofria influência de correntes advindas da Europa, como é o caso do positivismo, evolucionismo e do historicismo, que permeou intensamente estudos, não somente na área da história como também em outras áreas das ciências sociais.

O IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro) foi considerado durante quase todo o século XIX, o centro principal de produção historiográfica e intelectual no Brasil, contudo, é importante ressaltar que não era somente o IHGB que regia influência sob a historiografia brasileira, pois ela não era uníssona, muito pelo contrário, ela era plural, possuía várias correntes historiográficas, as que já foram explicitadas anteriormente.

O Instituto foi criado com duas diretrizes centrais: a coleta e publicação de documentos importantes para a história do Brasil e o fomento, ao ensino público, de estudos de cunho histórico.<sup>21</sup> A História do Brasil, a ser escrita pelos membros do IHGB, deveria salientar os valores relacionados à unidade nacional e à centralização política, colocando a jovem nação brasileira como herdeira e detentora da tarefa civilizadora portuguesa. A nação, cujo passado o IHGB iria construir, deveria surgir como fruto de uma civilização branca e europeia nos trópicos.<sup>22</sup>

Ademais, uma breve explanação sobre alguns dos autores que escreviam história no século XIX, para situarmos nosso tema é indispensável, até mesmo para buscar compreender o impacto das ideias nietzschianas neste contexto histórico, como foi exposto no primeiro parágrafo deste capítulo. Vamos abordar algumas ideias presente em Karl Friedrich Philipp Von Martius, um dos precursores da historiografia nacional e que foi o vencedor do concurso de melhor monografia sobre Brasil, em um evento oferecido justamente pelo IHGB. Além de outros que serão explanados, como Francisco Adolfo de Varnhagen, Raimundo Nina

<sup>21</sup> GUIMARÃES, M. *Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional*. Revista Estudos Históricos, Brasil, 1, jan. 1988.

<sup>22</sup> SOUSA, Rainer Gonçalves. "A criação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro"; Brasil Escola. Disponível em < <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/a-criacao-instituto-historico-geografico-brasileiro.htm>>. Acesso em 21 de agosto de 2018.

Rodrigues, Manoel Bonfim e Capistrano de Abreu. Em que Capistrano de Abreu sofreu forte influência do historicismo alemão, o que foi um fato inédito para a historiografia da época.<sup>23</sup>

A maioria desses autores citados anteriormente, são considerados os precursores da historiografia brasileira. E muitas vezes, todo escritor precursor é tido como pioneiro ou inovador, tendo todos os quesitos que lhe são pertinentes e peculiares, como a ideia do ineditismo e da inovação, em outras palavras, passa por um forte processo de aprovação ou não dos seus pares.

Segundo Arno Wheling,<sup>24</sup> dentre a premiação de monografia de Von Martius de 1843 e o primeiro lançamento da “História Geral do Brasil” de Varnhagen em 1854, as obras do IHGB firmaram-se, e esta instituição se tornou uma das mais relevantes do âmbito nacional e até mesmo internacional.

Dessa forma, Wheling sugere que:

Estado, Nação e História, intrinsecamente unidos, fundamentaram a lógica da atuação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em seus primeiros anos. Ao início da fundação das instituições nacionais na década de 1820, como a estrutura do governo, do Poder Legislativo, do Poder Judicial, da normatividade jurídica e da inserção do País no conjunto das nações, seguiu-se nas duas décadas seguintes a necessidade de construir uma identidade nacional que garantisse a indispensável sedimentação social das instituições.<sup>25</sup>

Dessa forma, concedeu-se por meio da história, compreendida, concomitantemente, tal qual ciência e tal qual memória, a tarefa de constituir um estudo que legitimasse ou perpetuasse a tradição, mesmo ainda que essa tradição fosse recente. Portanto, o IHGB realizou essa tarefa de construção, simultaneamente, de uma memória e de uma história, tornando-se o ponto de sustentação do Estado e da nação que emergiam.

Na escrita dessa história, à primeira impressão, foi dada uma maior atenção à identidade nacional e a questão racial, que foi construída através de termos reducionistas, marcada pelo racismo e o preconceito sofrido pelos grupos indígenas e negros.

---

<sup>23</sup> REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001

<sup>24</sup> WHELING, Arno. *Construindo o Estado e a Nação (nas origens do IHGB)*. In.: Carta Mensal |Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo – v. 1, n. 1 (1955) – Rio de Janeiro: CNC, agosto 2012, n. 689.

<sup>25</sup> WHELING, Arno. *Construindo o Estado e a Nação (nas origens do IHGB)*. In.: Carta Mensal |Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo – v. 1, n. 1 (1955) – Rio de Janeiro: CNC, agosto 2012, n. 689. P. 14

No que diz respeito ao contexto histórico, aparentemente, do século em questão (XIX), passou por inúmeras metamorfoses em sua estrutura, pois de colônia portuguesa o Brasil passa a ser uma nação independente, porém, ainda sob o efeito da monarquia de descendência portuguesa. Na parte econômica, a produção de açúcar era a sua principal fonte lucrativa, logo depois o café, e utilizavam a mão de obra escrava africana em seus afazeres. Já no final do século ocorre a abolição da escravatura (1888) e a proclamação da república (1889), onde enfim, o Brasil se soltava das amarras da monarquia. No entanto, José Murilo de Carvalho em sua obra “A formação das almas”<sup>26</sup>, aponta que:

Falharam os esforços das correntes republicanas que tentaram expandir a legitimidade do novo regime para além das fronteiras limitadas em que a encurralara a corrente vitoriosa. Não foram capazes de criar um imaginário republicano. Nos aspectos em que tiveram algum êxito, este se deveu a compromissos com a tradição imperial ou com os valores religiosos.<sup>27</sup>

Ou seja, o contexto histórico brasileiro estava bastante atribulado, o que se imaginava era que o Brasil, enfim, seria uma nação democrática ou republicana após a proclamação, porém, nas entranhas do cerne social ainda permanecia resquícios de uma monarquia e de um tradicionalismo exacerbado, e isso era refletido nas relações sociais daquele período.

Além do mais, cabe ressaltar que o Brasil também passava por um processo chamado de “Belle Époque”, ou também chamada de “Era Dourada” em terras brasileiras. Foi uma vertente sul-americana do movimento francês Belle Époque na Europa (1871-1914) baseado no Impressionismo e a *Art Nouveau*. Foi uma época de cultura cosmopolita, de mudanças artísticas, culturais, tecnológicas e políticas do Brasil de 1889 a 1931, entre o fim do Império até o fim da República Velha.<sup>28</sup>

Ademais, o então emergente regime, a República, almejava inaugurar uma nova era no Brasil, e por esse motivo buscou minimizar tudo que rememorava o Império e a colonização portuguesa. As artes tomaram novos horizontes, se aproximando das culturas francesa e italiana. É nessa época que ocorre a fundação de Belo Horizonte, cidade planejada, e as grandes reformas urbanísticas empregadas no Rio de Janeiro, então Capital Federal, pelo governador Pereira Passos e o então presidente Rodrigues Alves. Outrossim, o período

---

<sup>26</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras: 1990

<sup>27</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras: 1990. P. 141

<sup>28</sup> «A Belle Époque no Brasil». *História Hoje*. 1 de julho de 2017. Consultado em 21 de agosto de 2018.

também é marcado por intenso moralismo e "repressão sexual", ideais de comportamento típicos da era vitoriana.<sup>29</sup>

Com base nesta leve explanação sobre o contexto histórico e social da época, se irá notar claramente a influência maçante da cultura europeia, principalmente da francesa com o advento da Belle Époque; tanto nos intelectuais quanto na sociedade elitista. Porém, iremos nos limitar à explanação dos autores brasileiros, ou seja, como esses construíram um projeto de uma identidade nacional pautada sob a mescla, ideia de von Martius, entre raças (branco, negro, índio), e que baseado nessa mestiçagem surge o “legítimo brasileiro”, este que é: acomodado, preguiçoso, malandro, alombado e de inferioridade racial, já que foi constituído pela miscigenação entre o branco, considerado a raça máster e o negro ou indígena, tidos como raças menosprezadas, e que futuramente irão ser ressignificadas por Gilberto Freyre na década de 1930.

Ademais, o evolucionismo e o Darwinismo social, foram as correntes teóricas que autenticaram a dominação do continente europeu sobre os outros povos, essa autenticidade era baseada em níveis sociais, em que todas as divergentes sociedades tinham um elo de ligação, sendo algumas consideradas inferiores e outras consideradas superiores. Desse modo, uma sociedade superior exercia influência sob uma inferior. Da mesma forma, era aplicada essa teoria na questão racial, onde alguns teóricos que trabalhavam com ideias da biologia acreditavam que a raça branca era superior e a raça negra e indígena eram consideradas inferiores, e que o resultado dessas três raças, que era o mestiço, era colocado no patamar de raça inferior.<sup>30</sup>

Porém, os estudiosos brasileiros, ainda sabendo que a questão racial não iria satisfazer ao problema da identidade nacional por um curto tempo, iria se formular o mestiço encrustado por toda negatividade e preconceito. Contudo, levaram para si a teoria cientificista do “branqueamento racial”, que possivelmente iria sanar o problema da identidade nacional em um período temporal mais longo.

Esta teoria tinha como objetivo, o clareamento do povo brasileiro, por meio também da miscigenação racial, quanto mais os povos brancos se miscigenavam com negros e índios,

---

<sup>29</sup> Maria Ignez Barbosa. «A vida na belle époque carioca». O Estado de S. Paulo, 2010.

<sup>30</sup> NETO, Leandro Carvalho Damacena. A Historiografia brasileira do século XIX e a questão racial. In: \_\_\_\_\_ Sérgio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo & Flávia Florentino Varela (org.). Caderno de resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. Ouro Preto: EdUFOP, 2008. (ISBN: 978-85-288-0057-9)

mais brancos seriam os seres oriundos desse processo. Até mesmo a política imigratória foi usada como um meio para o branqueamento social.<sup>31</sup>

A mestiçagem racial, se transforma nesse contexto, como condição *sine qua non* para a construção de uma identidade nacional e a ratificação do Brasil enquanto um estado independente, que naquele período não era considerado.

Depois da explanação de cada autor, irá notar ou não a adoção dessas teorias científicas em seu esboço, é bom salientar que não são todos os historiadores do século XIX que adotaram essas teorias científicas. O autor Renato Ortiz escreve que essas teorias foram escolhidas naturalmente já que não haviam outras para aderir.<sup>32</sup>

### 3.1. Von Martius

Iniciemos por explicar, o intelectual von Martius,<sup>33</sup> além de escritor, era botânico e naturalista alemão, o mesmo veio para o Brasil numa viagem no intuito de catalogar a natureza exótica brasileira e os seus respectivos indivíduos. Com o advento do IHGB em 1838, von Martius vence um concurso de monografias de a melhor história do Brasil, dois anos depois, com o ensaio escrito “Como se deve escrever a história do Brasil”.

De acordo com parte de historiadores,<sup>34</sup> que estudam sobre o assunto, o alemão deu foco na contribuição de Portugal e na formação da identidade nacional brasileira. Von Martius não prolonga em nada a questão social, mas sim, coloca o tema da miscigenação como proposição para quem tiver interesse em escrever sobre o Brasil.

Carl Friedrich Philipp von Martius se estabeleceu no Brasil em 1817 integrando a comitiva da grã-duquesa austríaca Leopoldina, que viajava para o Brasil para desposar-se com Dom Pedro I. Acompanhado do cientista Johann Baptist von Spix (1781-1826), recebeu da Academia de Ciências da Baviera a incumbência de pesquisar as províncias mais importantes do Brasil e formar catálogos botânicos, zoológicos e mineralógicos, apesar da posição de outros naturalistas, que consideravam uma viagem de risco e perigosa.

<sup>31</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994

<sup>32</sup> ORTIZ: 1994, p. 30

<sup>33</sup> MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. *O estado do direito entre os autóctones do Brasil*. Trad. Alberto Löfgren. Revista A. C. Miranda Azevedo. Belo Horizonte/ São Paulo: Ed. Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, 1982.

<sup>34</sup> NETO, Leandro Carvalho Damacena. *A Historiografia brasileira do século XIX e a questão racial*. In: \_\_\_\_\_ Sérgio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo & Flávia Florentino Varella (org.). *Caderno de resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas*. Ouro Preto: EdUFOP, 2008.

Ajudados por nativos e tropeiros, iniciaram a viagem a partir do Rio de Janeiro em dezembro de 1817 rumo ao norte do país, perpassando São Paulo, Minas Gerais, Goiás e pela Bahia. Ao se estabelecerem em Salvador em novembro do ano seguinte, enviam o material zoobotânico, até então coletado e começam nova etapa da viagem. Nos quatro meses seguintes concluem a travessia dos inóspitos sertões de Pernambuco, Piauí e Maranhão.

Após viajarem milhares de quilômetros, sob chuvas fortes, seca, sede, calor e doenças, passam alguns meses em São Luís, capital da província do Maranhão, recuperando-se do grande desgaste psicológico e físico. O mês julho de 1819 foi marcado pelo início da exploração da bacia do Amazonas que durou aproximadamente oito meses. Seguiram o rio Amazonas até chegarem a atual fronteira do Brasil com a Colômbia. Por causa da doença do cientista Johann von Spix, o retorno da expedição foi antecipado e em 1820 retornaram à Alemanha.<sup>35</sup>

Ademais, a monografia de von Martius "Como se deve escrever a história do Brasil" aparece colocada em uma preocupação com uma história que valorizasse a ideia de um passado nacional, comum a todos os brasileiros, que teve início com o desenvolvimento político do Brasil independente.

Com sua pesquisa, Von Martius desenvolve uma linha de pesquisa que descreve a formação da identidade nacional brasileira, a partir da junção das três diferentes raças e os aspectos naturais. Essa linha de pensamento influenciou muitos historiadores do século XIX e também a produção literária da época que se preocupava com os cenários descritos pela viagem de Martius e Spix em romances e poesias. Como ele próprio escreve em sua obra:

Por fim devo ainda ajuntar uma observação sobre a posição do historiador do Brasil para com sua pátria. A história é uma mestra, não somente do futuro, como também do presente. Ela pode difundir entre os contemporâneos sentimentos e pensamentos do mais nobre patriotismo. Uma obra histórica sobre o Brasil deve, segundo a minha opinião, ter igualmente a tendência de despertar e reanimar em seus leitores brasileiros amor da pátria, coragem, constância, indústria, fidelidade, prudência, em uma palavra, todas as virtudes cívicas.<sup>36</sup>

Em outras palavras, a obra de Martius sobre a história do Brasil serviu como uma espécie de intento para uma suposta inspiração aos intelectuais brasileiros para despertarem seus sentimentos nacionalistas e o “amor à pátria”.

---

<sup>35</sup> RODRIGUES, José Honório; MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. *Como se deve escrever a História do Brasil*. In: Revista de História da América, Nº 42, dezembro de 1956, pp. 433-458.

<sup>36</sup> RODRIGUES, José Honório; MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. *Como se deve escrever a História do Brasil*. In: Revista de História da América, Nº 42, dezembro de 1956, pp. 433-458. P. 456

### 3.2. *Varnhagen*

Francisco Adolfo de Varnhagen,<sup>37</sup> historiador de muita relevância para a novata historiografia brasileira, foi um excelente historiador em relação à legitimidade documental. Sofreu bastante influência da historiografia alemã. Filho da portuguesa Maria Flávia de Sá Magalhães e de Friedrich Ludwig Wilhelm Varnhagen, um engenheiro militar alemão contratado pela Coroa para construir os altos fornos da Real Fábrica de Ferro de Ipanema, na região de Sorocaba, na então Capitania de São Paulo, estudou no Real Colégio Militar da Luz, em Lisboa, e começou a carreira militar na época das Guerras Liberais, como voluntário nas tropas de D. Pedro IV de Portugal que lutavam contra D. Miguel I de Portugal.

Segundo Cavalcanti,<sup>38</sup> escreveu “Notícia do Brasil”, seu primeiro trabalho de história, entre 1835 e 1838. Suas pesquisas na matéria levaram-no a localizar o túmulo de Pedro Álvares Cabral na Igreja da Graça, em Santarém. Foi admitido como sócio correspondente na Academia de Ciências de Lisboa. Formou-se como engenheiro militar em 1839, na Real Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho.

Retornou ao Brasil em 1840, entrando para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1841, exercendo o cargo de primeiro-secretário.

Em 1844 obteve a nacionalidade brasileira, podendo ser admitido na carreira diplomática. Serviu na legação de Lisboa e na de Madrid, obtendo reconhecimento como historiador com a publicação da “História Geral do Brasil” em dois volumes (1854-1857). Foi destacado para o Paraguai (1858), tendo servido ainda na Venezuela, em Nova Granada (atual Colômbia), no Equador, no Chile, no Peru e nos Países Baixos.

Seu amor pela terra natal o levou a registrar, em baixo do nome da obra que o destacou, a História do Brasil, a expressão natural de Sorocaba. Nos altos do Morro de Ipanema existe um monumento em homenagem a Varnhagen, que foi visitado pela Família Real em 11 de novembro de 1884. Nesse monumento há a inscrição: “A memória de Varnhagen Visconde de Porto Seguro nascido na terra fecunda descoberta por Colombo.

---

<sup>37</sup> REIS, José Carlos. As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC. 9. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

<sup>38</sup> Cavalcanti, Flavio R. (2018). «Varnhagen e a capital no planalto central - Uma proposta única». Cópia arquivada em 13 de setembro de 2017.

Iniciado por seu pai nas couzas grandes e uteis, estremeceu sua patria escreveo-lhe a historia. Sua alma immortal reune aqui todas as suas recordações. ”<sup>39</sup>

Conforme José Carlos Reis:

Foi somente nos anos 1850, com Varnhagen, que surgiu a obra de história do Brasil independente mais completa, confiável, documentada, crítica, com posições explícitas: a *História geral do Brasil*, que superou as obras mencionadas anteriormente sem, no entanto, torná-las descartáveis. A sua *História geral do Brasil* refletia uma preocupação nova no Brasil com a história, com a documentação sobre o passado brasileiro, que o recém fundado IHGB representava. A *História geral do Brasil* foi possível porque as condições históricas do Brasil, o processo de independência política e a constituição do Estado Nacional amadureceram nos anos 1850.<sup>40</sup>

Dessa forma, o autor procura em sua escrita restabelecer a posição dinástica dos Bragança, ou seja, pautada numa história elitista, deu bastante subsidio ao cientificar sobre as tradições dos tupis, porém, os nomeou de selvagens e calou os negros. Com ele, a questão racial permaneceu obscurecida, oculta, em todos os quesitos, assim como em von Martius, Varnhagen, enaltecia a monarquia, valorizava a ordem e a disciplina, era contrário a movimentos revolucionários e em sua historiografia o fator político era preponderante.

Além disso, dava foco ao português branco, ocultava o índio e “pejorativizava” os negros. Contudo, o mesmo contribuiu de certa forma à historiografia brasileira, no que diz respeito à organização documental sobre os brancos, índios e negros para formação de uma identidade nacional, muito dos seus escritos foram utilizados como fontes por historiadores da contemporaneidade, que atribuíam ao rigor documental de Varnhagen um aspecto bastante positivo, porém, o mesmo não deixou de ser criticado por esses mesmos historiadores, no quesito à perspectiva que trazia à historiografia.

### 3.3. Raimundo Nina Rodrigues

Raimundo Nina Rodrigues,<sup>41</sup> foi outro intelectual que deu algumas contribuições à historiografia brasileira. O mesmo lançou um estudo sobre a cultura negra de raiz africana no Brasil. Para se compreender a cultura africana no século XIX no Brasil, é necessária uma leitura dos escritos de Nina Rodrigues.

O mesmo foi um médico legista, psiquiatra, professor, escritor, antropólogo e etnólogo brasileiro. Foi também dietólogo, tropicalista, sexologista, higienista, biógrafo,

<sup>39</sup> Cavalcanti, Flavio R. (2018). «Varnhagen e a capital no planalto central - Uma proposta única». Cópia arquivada em 13 de setembro de 2017

<sup>40</sup> REIS, José Carlos. As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC. 9. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007. P. 23

<sup>41</sup> RODRIGUES, Nina. Os africanos no Brasil. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2004.

epidemiologista. Nina Rodrigues é considerado o fundador da antropologia criminal brasileira e pioneiro nos estudos sobre a cultura negra no país. Foi o primeiro estudioso brasileiro a abordar o problema do negro como questão social relevante para a compreensão da formação racial da população brasileira, embora tivesse adotado uma perspectiva racista, nacionalista e cientificista, em seu livro “Os Africanos no Brasil” (1890-1905).<sup>42</sup>

Porém, as razões que levou Nina Rodrigues a estudar esses povos foi uma visão “pejorativa” que tinham sobre esses povos: o trabalho escravo. Pode-se afirmar que Nina Rodrigues de certa forma enriqueceu a historiografia brasileira com seu ineditismo no estudo sobre a cultura negra africana, entretanto, no que diz respeito à utilização de sua obra, foi considerado um grande difusor do racismo científico.

No campo da antropologia, o estudo que foi especializado em crânios humanos, que tinham como intuito medir o crânio dos negros para comprovar a predisposição do mesmo à transgressão, falha, pecado, deslize e da teoria do branqueamento racial foram baseadas em seus escritos.

Dessa forma, os estudos de Nina Rodrigues se voltaram, de tal forma, para problemas de raça e cultura, em geral, e de crimes, em particular, tendo como fio condutor, além das teorias de Herbert Spencer (1810-1903), Charles Darwin (1809-1882), Cesare Lombroso (1836-1909), etc., os preceitos positivistas de Auguste Comte. Assim, concluiu que a herança racial não era somente a chave para a predisposição a certas doenças, porém, que os africanos e os povos miscigenados eram também “mais predispostos” à criminalidade. Apesar de o seu argumento da inferioridade da raça negra não fosse comprovado cientificamente, a produção científica de Nina Rodrigues foi reconhecida e respeitada por seu pioneirismo nos estudos dedicados à cultura afro-brasileira. Em que reuniu informações importantes a respeito nas áreas de literatura, etnografia, folclore, política, costumes e filosofia, numa época em que existia uma implicância em negar as influências africanas na cultura brasileira.<sup>43</sup>

### 3.4. *Manoel Bonfim*

---

<sup>42</sup> Cientificismo e ficção de Nina Rodrigues. Ciência e Cultura - Agência de Notícias em CT&I da Bahia, 4 de maio de 2013.

<sup>43</sup> CORRÊA, Mariza. As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. Bragança Paulista: Edusf, 1998, apud PAZ, Clilton Silva da. Um monumento ao negro: memórias apresentadas ao Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife, 1934. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007, p. 223

Manoel Bonfim,<sup>44</sup> é outro autor que traz algumas contribuições no campo historiográfico desse período. Só que o mesmo tem uma análise bem peculiar, onde seus escritos se encaixam em teorias europeias, como o positivismo e o evolucionismo.

Contudo, faz uma hermenêutica, e seu estudo diverge das teorias racistas propagadas por diversos intelectuais da época. O autor busca nas obras de Comte uma análise bem particular da sociedade comparando-a com os microrganismos, ou seja, a sociedade existe e está sistematizada assim como organismos bem parecidos com os biológicos e existem leis que, segundo ele, determinam a evolução.

Deste entrelaçado de teorias, Manoel Bonfim faz uma espécie de comparação entre a biologia e a sociedade. Com isso, o mesmo chega à ideia de doente, que se transforma num dos seus mais preponderantes conceitos, que serviria, segundo ele, para compreender o atraso na América Latina, e que desta mesma teoria, o autor lança uma espécie de teoria imperialista, pautada no “parasitismo social”.

No texto de Michele Nascimento Kettner, a mesma afirma que:

Ao tomar em conta os conceitos de hibridismo e mestiçagem que se desenvolveram no século XIX e princípios do século XX, Manoel Bonfim ocupa um lugar de precursor e pioneiro de algumas ideias que se tornariam lugares-comuns nos dias atuais... Bomfim proporcionou em sua obra ensaística uma revisão historiográfica usando a metáfora do conceito do parasitismo social e refutando a ideia de inferioridade das raças.<sup>45</sup>

Nesse caso, Manoel Bonfim, é um precursor no combate à opressão às sociedades colonizadas na América Latina, não somente ao Brasil. Pode-se notar que Bonfim, escreve uma história ligada a teorias científicas, mais precisamente ligadas à Biologia, comparando a sociedade a um sistema de organismos. Porém, com uma interpretação diferente de autores de sua época, lançando um olhar não-racista aos negros e indígenas. Ele próprio expôs em sua obra, críticas ao “racismo científico”:

As opiniões neste sentido se baseiam numa analogia que se quer estabelecer entre a mestiçagem no homem e os cruzamentos de espécies animais diferentes, cruzamentos que fazem aparecer alguns caracteres considerados como ancestrais e regressivos (...). Não se vê, nos mestiços, nenhum traço fisionômico especial, novo, nenhuma modificação orgânica particular, que possa ser considerada como uma regressão ancestral. Como, então, admitir que deva haver forçosamente uma regressão moral e intelectual – quando, no entanto, o cruzamento se faz, não entre

<sup>44</sup> BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origens*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993

<sup>45</sup> KETTNER, Michele Nascimento. *Manoel Bonfim: ensaiando a mestiçagem em América Latina*. Ci&Trop., Recife, v.34, n.1, p.135-154, 2010. P.1

espécies diferentes, mas entre raças diversas, e quando, mesmo no caso dos animais (onde há a regressão física), não existe a regressão intelectual?<sup>46</sup>

Desta forma, Bomfim denuncia que a ideia de superioridade das nações é uma teoria pseudocientífica idealizada por os países que se intitulam como superiores para dominar os países que eles atribuem a noção de inferioridade. Por fim, Manoel Bomfim descarta a mestiçagem de caráter pejorativo e estabelece um ponto de vista sociológico utilizando a metáfora do conceito do parasitismo social para explicar os problemas latino-americanos.

### 3.5. Capistrano de Abreu

Por fim, Capistrano de Abreu,<sup>47</sup> um dos principais autores do final do século XIX e início do XX, procura em suas obras, valorizar a diversidade geográfica, dessa forma, em dissonância a Varnhagen, sua ideia está em valorizar a diversidade regional e não aos colonizadores portugueses, como também fizera de certa forma von Martius.

João Capistrano Honório de Abreu nasceu na cidade de Maranguape, Ceará, em 23 de outubro de 1853. Fez seus primeiros estudos em rápidas passagens por inúmeras escolas. Em 1869, viajou para Recife, onde cursou humanidades, voltando para o Ceará dois anos depois. Em Fortaleza, foi um dos fundadores da Academia Francesa, órgão de cultura e debates, progressista e anticlerical, que durou de 1872 a 1875.

O mesmo deu ênfase ao fracionamento, e ao sertão. No que diz respeito à questão racial, Capistrano de Abreu, escreveu relativamente pouco, somente repetiu visões estereotipadas sobre os índios e os negros. Capistrano simpatizava com teorias científicas do seu tempo, e assim como outros autores via na mestiçagem um risco para a continuidade das sociedades.

O contexto histórico de Capistrano de Abreu é marcado por estigmas da escrita francesa, porém, o mesmo conheceu a historiografia alemã, por quem teve simpatia, graças a ela foi considerado o primeiro historiador brasileiro a fazer uma espécie de interdisciplinaridade no campo das ciências humanas.<sup>48</sup>

<sup>46</sup> BOMFIM, Manoel. “A América Latina: Males de origem”. Silvano Santiago (org.) *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. Vol. 1. 609-25. P. 615

<sup>47</sup> BARROS, José D'Assunção. *Dois fases de Capistrano de Abreu: em torno de uma produção historiográfica*. Projeto História, n°41, dez.2010. São Paulo : Nova Fronteira; PUC-SP, 2011.

<sup>48</sup> GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano. Capistrano de Abreu (1853-1927): memória, historiografia e escrita de si*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

Possuiu grande afeição pela antropologia, e em sua pesquisa aos povos indígenas, foi precursor na etnografia. Em seus escritos pode-se notar o enaltecimento do interior do Brasil, ou seja, do sertão e do homem que vive por lá. Capistrano de Abreu prenuncia estudos que só irão ser mais analisados com Gilberto Freyre na década de 1930.

Dedicou-se ao estudo da história colonial brasileira, elaborando uma teoria da literatura nacional, tendo por base os conceitos de clima, terra e raça, que reproduzia os estereótipos típicos do colonialismo europeu acerca dos trópicos, subvertendo, todavia, o mito pré-romântico do “bom selvagem”.<sup>49</sup> Perceba nesse trecho de Capistrano de Abreu em sua obra “O Descobrimento do Brasil”:

Podemos começar com a capitania de São Vicente. O estabelecimento de Piratininga, desde a era de 530, na borda do campo, significa uma vitória ganha sem combate sobre a mata, que reclamou alhures o esforço das várias gerações. Deste avanço procede o desenvolvimento peculiar de São Paulo. / O Tietê corria pero; bastava seguir-lhe o curso para alcançar a bacia do Prata. Transpunha-se uma garganta fácil e alcançava-se o Paraíba, encaixado entre a Serra do Mar e a Mantiqueira, apontando o caminho do norte. Para o sul estendiam-se os vastos descampados, interrompidos por capões e até manchas de florestas, consideráveis às vezes, mas incapazes de sustarem o movimento expansivo por sua descontinuidade. A este apenas uma vereda quase intransitável levava à beira mar, vereda fácil de obstruir, obstruída mais de uma vez, tornando a população sertaneja independente das autoridades da marinha, pois um punhado de homens bastava para arrostar um exército, e abrir novas picadas, domando as asperezas da serra, rompendo as massas da vegetação, arrostando a hostilidade dos habitantes, pediria esforços quase sobrehumanos.<sup>50</sup>

Este trecho, dentre outros que poderiam ser da mesma forma exemplificativos, elucida o drama que embasa a narrativa de Capistrano de Abreu em “Capítulos de História Colonial”: o enfrentamento entre o homem e o meio, com episódios de vitória de um sobre o outro, e vice-versa.

O intelectual, morreu no Rio de Janeiro, aos 73 anos, em 13 de agosto de 1927. É patrono da cadeira 15 da Academia Cearense de Letras e da cadeira 23 da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Em 9 de dezembro de 2003 o Correio brasileiro edita o selo comemorativo aos 150 anos do nascimento de Capistrano de Abreu. Em 1953 o Correio Brasileiro também emitiu selo comemorativo ao centenário de nascimento do referido historiador.<sup>51</sup>

<sup>49</sup> IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro & Belo Horizonte: Nova Fronteira & UFMG, 2000.

<sup>50</sup> ABREU, Capistrano de. *O Descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 65.

<sup>51</sup> IHGB (2018). «[João Capistrano de Abreu](#)»

Esse breve comentário sobre a historiografia brasileira do século XIX e sobre seus respetivos intelectuais, é de suma relevância para o entendimento do nosso tema. Ou seja, partimos da seguinte questão: Que contexto histórico-intelectual era esse em que as ideias de Nietzsche foram recepcionadas?

A historiografia desse momento, pelo que se pôde perceber, estava muito mais preocupada em traçar uma identidade nacional e fazer leituras e releituras acerca da miscigenação étnica e a questão racial. Temas como por exemplo: cultura, política, ética, ou seja, de cunho abstrato, tal como fizera Nietzsche no final do século XIX, estavam muito longe dos holofotes da historiografia brasileira.

Essa é uma das possíveis hipóteses interpretativas que vem no esboço desse trabalho. Ademais, diferentemente da filosofia, a historiografia desse período funcionava como uma espécie de narrativa que se baseava no rigor documental, tal como pregavam os positivistas em suas teorias.

Neste período, não somente Nietzsche, mas toda filosofia estava preocupada com temas de cunho epistemológicos ou metafísicos, ou seja, problematizar sobre determinados conceitos abstratos presentes na cultura, na política, na economia e na sociedade em geral, a fim de questioná-los sobre sua natureza e legitimidade.

A historiografia, de certa forma, se preocupava com temas de cunho abstrato, assim como a filosofia, porém, com uma abordagem e metodologia completamente diferentes. A interdisciplinaridade, tal como lançava os *Annales* em 1929, ainda era uma realidade distante, e que a filosofia e a história eram e ainda são áreas completamente diferentes, com arcabouços teórico-metodológicos bastante distintos, ou seja, embora fazendo uma abordagem sobre determinados temas de maneira diferenciada, com suas próprias particularidades. Esta última hipótese interpretativa também pode ser levada em consideração. No próximo capítulo, abordaremos a recepção nietzschiana através de Tobias Barreto na faculdade de Direito do Recife, buscando apontar qual impacto teve tal recepção por este intelectual sergipano.

#### 4 – A recepção nietzschiana por Tobias Barreto: os impactos

Neste capítulo iremos apontar os primeiros contatos das obras de Nietzsche no Brasil, mais precisamente na Faculdade de Direito do Recife, através de Tobias Barreto fundador da Escola de Pernambuco, movimento intelectual que floresceu na Faculdade de Direito do Recife.

Acerca dos primeiros contatos com as obras de Nietzsche aqui no Brasil, há uma dissertação de mestrado, formulada pelo autor Tiago Lemes Pantuzzi, intitulada “A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola do Recife”, que trata justamente das primeiras recepções nietzschianas aqui no Brasil, mais precisamente na atual região do Nordeste brasileiro.

No primeiro momento, o trabalho de Pantuzzi tem como intuito analisar a primeira recepção de Nietzsche no Brasil, a partir das leituras que alguns autores da Faculdade de Direito do Recife fizeram dos escritos nietzschianos.

A partir de um movimento intelectual surge a “Escola do Recife” oriunda da faculdade de Direito do Recife, um dos mais renomados centros culturais e intelectuais do Brasil naquela época. A Escola do Recife tem como intuito a formulação de uma identidade cultural brasileira que divirja da influência francesa, presente em outras instituições acadêmicas do Brasil naquela época.

Além do mais, em dado momento na Escola do Recife, encontra-se a primeira menção oficial à Nietzsche no Brasil, em 1876, pelo sergipano Tobias Barreto. Em conjunto com o texto do autor sergipano, existiu um grupo de professores que pesquisam a cultura alemã, que além de terem trazido obras germânicas para o Recife, creram que poderiam guarnecer os alicerces de uma cultura genuína ou mais bem vista para o Brasil:

A pesquisa acerca da recepção das ideias nietzschianas, permite investigar os caminhos que percorrem antes de chegar até nós. Para tal tarefa é muito importante conhecer o solo em que apareceram os primeiros sinais de apropriação e observar como os escritos foram dispostos e apreciados para termos uma ideia do rumo das repercussões.<sup>52</sup>

---

<sup>52</sup> PANTUZZI, Tiago. A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola do Recife/ Tiago Pantuzzi – orientadora Scarlett Marton. – São Paulo, 2016. 103 f. p.4  
Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Filosofia. Área de concentração: Filosofia.

Este trabalho serviu de base para se identificar os primeiros resquícios de Nietzsche no Brasil, através de Tobias Barreto em 1876, ano em que o filósofo alemão escrevera a última consideração extemporânea.

Além do mais, é difícil afirmar se a obra de Nietzsche estava em acordo com alguns escritos europeus ou de um modo bem peculiar: notar como a obra do filósofo alemão causou algum impacto entre os brasileiros. Ademais, revelar como a filosofia nietzschiana passou a ser vista como um logradouro acadêmico, ou seja, ver as diversas metamorfoses que a mesma passou até receber um crédito acadêmico. Além disso, compreender a recepção de ideias como algo coletivo, ou seja, ela não se dá através de um único indivíduo.

Outrossim, o encontro do leitor e da obra é um encontro de universos diferentes, pois é aquilo que o autor pensou e aquilo que o leitor irá interpretar, sendo este último carregado pelas cargas metodológicas e o conhecimento que adquiriu ao longo do tempo, em outras palavras, o leitor pode apreender qualquer entendimento da obra, daí onde surge as diversas interpretações das obras:

Embora um estudo desse teor não seja frequente na pesquisa filosófica brasileira, em outros países encontramos diversos trabalhos sobre o acolhimento das ideias de Nietzsche. Esse empreendimento é de extrema importância para a filosofia nietzschiana, pois seus escritos dão margem a diversas apropriações.<sup>53</sup>

Nietzsche assim como já explanou a autora Scarlett Marton<sup>54</sup>, teve suas obras apropriadas por diversos grupos dos quais o filósofo não fazia parte, como os anarquistas, socialistas, até mesmo nazistas; em inúmeros escritos procuraram trabalhar a difusão dos escritos de Nietzsche.

Dessa maneira, a explosão de suas obras, de certa forma influenciou os seus leitores, onde quer que tenha sido recepcionada suas ideias, que por meio de leituras selecionadas lançam um olhar sempre crítico formulando uma espécie de entendimento de acordo com seus anseios.<sup>55</sup> Sua recepção em países como a Alemanha e França, atraiu diversas gerações e foi tido como um impulso para inúmeros intelectuais principalmente nas áreas da literatura e das artes. “Um fato curioso é que no Brasil o filósofo parece ter sido apropriado pela política antes que isso acontecesse na Europa”.<sup>56</sup>

---

<sup>53</sup> PANTUZZI, Tiago. A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola do Recife/ Tiago Pantuzzi – orientadora Scarlett Marton. – São Paulo, 2016. 103 f., p.5

<sup>54</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993.

<sup>55</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993.

<sup>56</sup> PANTUZZI, Tiago. A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola do Recife/ Tiago Pantuzzi – orientadora Scarlett Marton. – São Paulo, 2016. 103 f., p.7

Outro fato curioso sobre a recepção de Nietzsche e que a torna um pouco atípica é que em um estudo feito por Richard Krummel,<sup>57</sup> um filólogo americano-alemão, ele nota que na Alemanha (antiga Prússia), terra natal do filósofo, seu nome foi poucas vezes citado, ou seja, Nietzsche é mencionado no Brasil antes mesmo de se tornar famoso e conhecido na Alemanha.

Pode-se partir do pressuposto de que possa haver uma certa presença e apropriação das obras de Nietzsche e representações indiretas de sua filosofia na formação acadêmica da Faculdade de Direito do Recife.

Porém nesse capítulo, iremos focar a recepção por Tobias Barreto<sup>58</sup>. O autor mostra como essas recepções são apropriadas por esses intelectuais de uma maneira bem particular, já que só se apropriam de alguns elementos do filósofo alemão:

Tobias Barreto vê na *Primeira consideração extemporânea* uma crítica ao estilo e às construções das escritas, mas parece não atentar para a crítica à cultura. José Oiticica enxerga na obra *Assim falou Zaratustra* as bases para sustentação de um modelo exemplar de um tipo de homem político, anarquista, mas desconsidera a transvaloração dos valores. Gilberto Amado demonstra ter lido várias obras de Nietzsche e mostra a intenção de analisar filosoficamente o pensador, mas não se aprofunda em diversos temas que estão presentes nos textos lidos e discorda do filósofo sobre a questão moral. (Grifos meus)<sup>59</sup>

A partir disso vem a problemática sobre a não utilidade da filosofia nietzschiana na Escola do Recife, ou seja, esses pensadores estão bem mais preocupados em apropriar as ideias de Nietzsche mais num sentido estético da escrita, do que discutir os conteúdos das obras de Nietzsche. Trata-se de um impasse entre apropriação de leitura e interesse de leitura. Entende-se aqui por apropriação de leitura, o uso de aspectos da obra para a construção ou levantamento de uma tese; por interesse de leitura, o aprofundamento na obra, ou seja, se inserir de corpo e alma no objeto estudado, levar aquilo como uma filosofia de vida.

Ademais, sobre contexto histórico que estava inserida a Escola do Recife. De acordo com Antonio Paim<sup>60</sup>, o autor mostra que a faculdade de Direito do Recife surge no império de D. Pedro I, tempo em que surgem as primeiras faculdades de Direito no Brasil, produto de um esquema datado de meados de 1826. Paim mostra também como a Faculdade de Direito do Recife, mais precisamente, a Escola do Recife não tinha afinidade alguma com a influência

<sup>57</sup> KRUMMEL, Richard Frank. Nietzsche und der Deutsche Geist, Band I. Nova Iorque: de Gruyter, 1998.

<sup>58</sup> Embora seja importante entender como Nietzsche foi recepcionado por toda a Escola do Recife, por conta do tempo que dispomos, investigaremos a recepção dele por Tobias Barreto.

<sup>59</sup> PANTUZZI, Tiago. A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola do Recife/ Tiago Pantuzzi – orientadora Scarlett Marton. – São Paulo, 2016. 103 f., p.8

<sup>60</sup> PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio. 1981.

francesa sob a sociedade brasileira. Além disso, naquela época não havia outra instituição de ensino superior no Nordeste, por esse fato, esta faculdade era um local atrativo para as demais províncias da região, tornando-se um dos pontos de maior produção intelectual daquele período:

A faculdade de Direito da capital pernambucana, por ser à época o único estabelecimento de ensino superior do Nordeste, recebia alunos das diversas províncias daquela região. Essa circunstância permitiu a irradiação das ideias da Escola do Recife, formando-se alguns núcleos de seus partidários no Ceará, em Sergipe e na Bahia.<sup>61</sup>

Dessa maneira, foi por essa razão que Pernambuco, em especial a Faculdade de Direito do Recife, foi considerada pelos intelectuais da época um dos principais centros de produção intelectual, que tinham como ideologia de suas produções a recusa de ideias advindas da França e que eram solicitadas pelo governo. A causa da Escola do Recife em insistir em análises presas à cultura alemã é um fato que vai muito mais além dos planos provinciais.

Tobias Barreto é quem basicamente comandou as discussões, fomentando os estímulos contra os programas de estabelecimento oficiais da província e criticando fervorosamente os estudos doutrinários da Faculdade de Direito do Recife que se baseava na concepção de um positivismo católico:

Deve-se acentuar que a presença de Tobias Barreto na Faculdade de Direito do Recife contribuía para exacerbar os ânimos e dar ao debate das ideias aquela agressividade tão peculiar à personalidade do pensador sergipano. A existência entre os professores de três mestres que defendiam opiniões de todo em desacordo com o teor e o espírito dos programas dos estabelecimentos oficiais de ensino não significa que na velha Academia não mais predominasse aquele corpo de doutrinas que tinham por pilstras a atribuição de uma origem divina para o Direito.<sup>62</sup>

A oposição entre as instituições de ensino, em especial Pernambuco e Rio de Janeiro cada qual se baseando em uma corrente ideológica europeia, demonstrou uma certa rivalidade entre essas instituições:

Essa condição é comentada por Silvio Romero; ele escreve que a Escola de Recife trazida por Tobias Barreto era chamada “ridiculamente de escola *teuto-sergipana*” por escritores fluminenses e jornalistas da corte imperial. Em contrapartida, Barreto apontava seus opositores como membros da “escola *gallo-fluminense*” na tentativa de debochar daqueles que o ridicularizavam.<sup>63</sup>

<sup>61</sup> PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio. 1981. P. 69.

<sup>62</sup> PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio. 1981. P. 54.

<sup>63</sup> PANTUZZI, Tiago. A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola do Recife/ Tiago Pantuzzi – orientadora Scarlett Marton. – São Paulo, 2016. 103 f., p.14

É notável perceber que, em alguns textos de Tobias Barreto, havia uma espécie de batalha entre as instituições, pois algumas seguiam os franceses, outros os portugueses e em Pernambuco os alemães, que era novidade na época e também não era bem vista por outras instituições.

Esta disputa entre as escolas vem, ademais, da formação de uma coalização que a Escola de Pernambuco fez em detrimento do positivismo. Ao mesmo tempo em que os alunos no Rio de Janeiro se agrupavam tendo como base o positivismo de Comte, em Pernambuco os estudos avançavam em torno do evolucionismo de Herbert Spencer.

Nos meados da década de 1870, o desejo de renovação do campo filosófico e o rompimento com o ecletismo espiritualista já se faziam assinalar nos vários centros culturais do país. No Rio de Janeiro, fruto da aliança entre os grupos littereriano e comteano, funda-se a Sociedade Positivista. Começavam a aparecer as primeiras obras daqueles que seriam mais tarde os líderes teóricos do positivismo religioso e do positivismo ilustrado.<sup>64</sup>

Em conjunto com a performance em uma campanha política com intuítos de renovação após a guerra do Paraguai, Tobias Barreto, rompe com a filosofia do império e sai da ideologia brasileira compromissada com a teologia e o positivismo, libertando-se das amarras do tradicionalismo. Fato curioso é que a Guerra do Paraguai foi de grande relevância para Tobias Barreto, pois sua tendência filosófica coincide com a fase de efervescência política brasileira, que aquele momento passou.<sup>65</sup>

Esta ruptura de Tobias Barreto não é apenas um acontecimento isolado, mas os prelúdios das vozes de uma jovem nação brasileira que está por surgir. É indubitável que o aparecimento de novas ideias incentivou a procura de Tobias Barreto por novos ares intelectuais, e é nesse momento, que Tobias Barreto procurou se interessar pela leitura dos alemães. No âmbito de toda essa efervescência político-social, surge a instituição Faculdade de Direito do Recife e que posteriormente dá origem à Escola do Recife. Os debates filosóficos ganhavam corpo assim como assuntos no âmbito do Direito.<sup>66</sup>

A faculdade de Direito do Recife, famosa por assuntos jurídicos e políticos, agora dava espaço para a literatura e as poesias, tendo como elemento de coesão a filosofia, que agora se encontrava no cerne das discussões em sala de aula em disciplinas jurídicas. Entre os

<sup>64</sup> PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio. 1981. P. 19.

<sup>65</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013, p. 208.

<sup>66</sup> Trechos da introdução feita pelos especialistas nos estudos da Escola do Recife e Tobias Barreto Paulo Mercadante e Antonio Paim in: BARRETO, Tobias. *Estudos de filosofia*. São Paulo: Grijalbo, 1977, p 14.

diversos intuitos da Faculdade de Direito de Recife estava o desenvolvimento de uma identidade nacional e cultural que não se vinculasse apenas à influência francesa.<sup>67</sup>

Esse encargo cultural para eles era tão valioso que a Escola do Recife fundada por Tobias Barreto prolongou com essa missão mesmo após a morte deste último.<sup>68</sup> Partindo dos objetivos da escola, que almejava começar uma formação intencionando a autenticidade de uma produção cultural/intelectual, vem à tona a questão se essa nova perspectiva trazida por Tobias Barreto conseguiria dar nitidez às peculiaridades nas obras de Friedrich Nietzsche.

Tobias Barreto é um indivíduo popular, ao mesmo tempo na faculdade como também na sociedade, fazia assíduas críticas aos dogmas cristãos. Sua filosofia de vida sobre assuntos de cunho religioso o deixavam sempre em discussões ferrenhas com católicos: “Advogava Tobias Barreto o mais absoluto respeito aos sentimentos religiosos, tendo manifestado sempre a preocupação de circunscrever ao terreno filosófico as suas divergências com os católicos.”<sup>69</sup>

O momento em que Tobias Barreto passa em Pernambuco é crucial para o rumo de sua carreira acadêmica, pois é onde ele fixa sua relação com a leitura alemã, e conseqüentemente a isso vem seu rompimento com o positivismo. Rompimento este que acontece pelo fato de que o mesmo acredita que os seguidores do positivismo não poderiam satisfazê-lo intelectualmente. Ademais, Graça Aranha, renomado intelectual brasileiro e que foi aluno da faculdade pernambucana, mostra a relevância de Tobias Barreto para com a Faculdade em um depoimento. Além do mais, este depoimento do escritor maranhense revela características do começo do movimento intelectual da Escola do Recife:

O que ele dizia era novo, profundo, sugestivo. Abria uma nova época na inteligência brasileira e nós recolhíamos a nova semente, sem saber como ela frutificaria em nossos espíritos, mas seguros que por ela nos transformávamos. (...). Prosseguíamos impávidos, certos de que, conduzidos por Tobias Barreto, estávamos emancipando a mentalidade brasileira, afundada na teologia, no direito natural, em todos os abismos do conservadorismo.<sup>70</sup>

Para Tobias Barreto, o positivismo não poderia sanar os seus anseios, pois entre as suas questões estavam a indagação daquilo que realmente importa e as fronteiras da filosofia, ou seja, temas de cunho epistemológico. Por isso mesmo, Tobias Barreto se debruçou na leitura dos alemães:

<sup>67</sup> PAIM, Antônio. A filosofia da Escola do Recife, São Paulo. Editora Convívio, 1981.

<sup>68</sup> Autores como Gilberto Amado e José Oiticica foram considerados seguidores assíduos de Tobias Barreto.

<sup>69</sup> PAIM, Antônio. A filosofia da Escola do Recife, São Paulo. Editora Convívio, 1981, P. 13.

<sup>70</sup> Depoimento de Graça Aranha trazido pelos especialistas nos estudos da Escola do Recife e Tobias Barreto. Paulo Mercadante e Antonio Paim in: BARRETO, Tobias. *Estudos de filosofia*. São Paulo: Grijalbo, 1977, p 20.

A relação de Barreto com os textos estrangeiros não vem de traduções, mas do original; ele aprende alemão comprando um dicionário e um livro de gramática em um livreiro de Recife e encomenda o livro *Geschichte des Volkes Israel* de Ewald.<sup>71</sup>

Segundo Silvio Romero: “Tobias apaixonou-se pela língua, pelos autores, pelas idéas, por tudo que vinha da Allemanha, e não abandonou mais até morrer o seu querido allemanismo<sup>72</sup>”.

Porém, o contato que Tobias Barreto teve com autores alemães ainda é um mistério, até mesmo entre os seus especialistas. A leitura de “A filosofia da Escola do Recife” de Antonio Paim, fala sobre a relação de Tobias Barreto com escritos alemães e talvez seja interessante para se entender essa relação do autor sergipano com os alemães:

Não sabemos ao certo quando conseguiu ler com desembaraço nessa língua. Segundo sua própria indicação, no último ano da faculdade (1869) fizera uma tentativa de aprendê-la. O certo, entretanto, é que já nos primeiros escritos de Escada (1871/72), aparecem referências a trabalhos de filósofos alemães seus contemporâneos. Quanto a Haeckel, é possível que só viesse a conhecê-lo mais tarde. Num artigo de 1875, menciona a *História Natural da Criação*, de Haeckel (publicada na Alemanha em 1868), e o considera, juntamente com Edward von Harman, “homens de reputação feita, reconhecidamente sábios”<sup>73</sup>

Segundo Silvio Romero, a leitura que Tobias Barreto fez de alguns franceses somente fez com que seu apreço pelos alemães aumentasse<sup>74</sup>.

Os escritos de Victor Cousin<sup>75</sup>, filósofo francês, foi bastante propagada nos cursos da faculdade de Direito do Recife e até mesmo em São Paulo. No entanto, no final dos anos 60 do século XIX, Tobias Barreto escreve alguns textos que deixam nítido seu rompimento com as ideias de Cousin. E é justamente nesse período, que surgem as primeiras citações à Friedrich Nietzsche, que marca claramente seu desapego ao positivismo, trazendo à tona problemas metafísicos que não eram discutidos pelos representantes do positivismo. Perceba nesse trecho de “Estudos Alemães” de Tobias Barreto a citação mais antiga à Nietzsche registrada no Brasil:

Assim Guizot achou quem dissesse que ele não sabia escrever bem o francês. Strauss, o sábio, o venerado Strauss, encontrou também o Sr. Nietzsche da Basiléia que quis provar-lhe a sua ignorância da língua alemã!<sup>76</sup>

<sup>71</sup> PANTUZZI, Tiago Iemes. *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil*. São Paulo, 2016, P. 22

<sup>72</sup> ROMERO, Considerações indispensáveis de Sylvio Romero, p. XX. In: BARRETO, Tobias. *Obras completas*. Vol. 6. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926.

<sup>73</sup> PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio. 1981. P. 41

<sup>74</sup> PANTUZZI, Tiago Iemes. *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil*. São Paulo, 2016, P. 23

<sup>75</sup> Ficou conhecido como líder da escola eclética e fez parte da Academia Francesa de Letras. Atuou na política, filosofia, história e educação. Também ficou famoso por traduzir as obras de Platão e editar as de Descartes.

<sup>76</sup> BARRETO, Tobias. *Estudos Alemães*. Rio de Janeiro, Record, 1991. P.152

A Escola de Pernambuco possuía um fundamento nos escritos de autores alemães e advogava como alicerce a melhor forma para o conhecimento e a construção de uma identidade cultural em detrimento da influência francesa e de estudos de cunho positivista. Pantuzzi procura mostrar que nos alunos de Recife pode-se notar citações ao filósofo alemão e procura saber se Nietzsche teve alguma contribuição positiva na Escola de Recife e se as pesquisas com base na cultura alemã foram proveitosos para atingirem suas respectivas metas.

Ainda hoje, não se sabe como Tobias Barreto teve acesso ou contato às obras de Nietzsche. Parte-se do pressuposto que pode ter sido através de biografias, artigos, resenhas internacionais ou por obras advindas da França. Ademais, sugere-se que Tobias Barreto tenha lido a primeira consideração extemporânea, obra em que Nietzsche redigiu em 1873. É justamente nesse texto, exposto na citação anterior, de Tobias Barreto que aparece a referência mais antiga a Nietzsche no Brasil<sup>77</sup>.

A referência a Nietzsche está em um artigo publicado em 1876 e nos permite indagar o modo como se deu a apropriação do filósofo. Ao examinar a citação em que o filósofo alemão é citado e o trecho da obra referida, é possível projetar que a utilização de Nietzsche naquele momento pode estar para além da pequena passagem em que seu nome é mencionado.<sup>78</sup>

Nota-se que a teoria de Nietzsche deixada de lado por Tobias Barreto pode ter sido utilizada como defensora de alguns ideais da Faculdade de Direito do Recife. Pois poderia fundar o projeto “alemanista” de Silvio Romero e Tobias Barreto.

Ademais, pode-se notar que os estudos e as citações na obra de Tobias Barreto emergem somente depois do catálogo que se tem de uma análise da primeira consideração extemporânea. E que ainda poderia potencializar os estudos do filósofo alemão na Faculdade de Direito do Recife.

A citação mais antiga a Nietzsche no Brasil está na publicação da revista “Estudos Alemães” do sergipano Tobias Barreto. O mesmo escreveu sobre vários autores da Alemanha em jornais que foi membro. Sendo editor e o próprio redator de um jornal que circulava em alemão no Recife e em todo Norte brasileiro no ano de 1875, este jornal era chamado “Campeão Alemão”.<sup>79</sup>

<sup>77</sup> BARRETO, Tobias. *Estudos alemães*. Rio de Janeiro: Record, 1991. Pp. 145-153.

<sup>78</sup> PANTUZZI, Tiago Iemes. *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil*. São Paulo, 2016, P. 31

<sup>79</sup> PAIM, Antonio. *A Escola do Recife: Estudos complementares à História das Idéias Filosóficas no Brasil* – Vol. V, UEL, São Paulo, 1997

Segundo Antonio Paim<sup>80</sup>, além dos jornais que Tobias Barreto fazia parte, foi por meio de sua revista que ele estendia e dilatava as leituras intelectuais com autores alemães e brasileiros. As conversações com o exterior foram de suma relevância para estabilizar a aproximação com inúmeros textos não somente alemães, como franceses e outros mais da Europa.

Ademais, o folclore popular diz que o germanista brasileiro enviava cópias de seu jornal produzido em Pernambuco e recebia alguns textos europeus que circulavam na época, sendo essa provavelmente uma das maneiras pelas quais conseguiu o texto de Nietzsche<sup>81</sup>.

Além disso, Tobias Barreto publicou seu artigo na revista “Estudos Alemães” em 1876 em resposta às críticas propagadas pela revista “Novo Mundo” à obra “Ensaio e Estudos de filosofia e Crítica” escrito pelo próprio autor sergipano. É importante salientar que o texto de Nietzsche que Tobias Barreto faz referência é à “Primeira consideração extemporânea”, escrito em 1873.

Em outras palavras, Tobias Barreto já tinha acesso a essas leituras no Recife, há apenas três anos da publicação original da obra nietzschiana, mostrando também a flexibilidade dos intelectuais que estudavam os alemães no Recife.

Na publicação em que Friedrich Nietzsche é apresentado, Tobias Barreto está retaliando intelectualmente uma crítica de um jornalista (Sr. Rodrigues) que o nomeava de “não patriota” e ofensor do catolicismo. Existem diversos opositores ao posicionamento teórico-metodológico de Tobias Barreto nesse mesmo artigo, em que o mesmo descarta e refuta todas essas críticas.

Publicado na revista *Estudos Alemães*, o pensador sergipano aponta o contrassenso do redator que faz acusações e apontamentos ao seu trabalho sem ao menos ter lido nada daquilo que criticou, pois as críticas não possuíam fundamento e nem sentido histórico, as informações seriam jogadas aleatoriamente e teriam como público-alvo pessoas que nunca ouviram falar em nenhuma das obras ou do nomes ali citados.<sup>82</sup>

Pode-se notar uma espécie de diálogo entre a crítica do Sr. Rodrigues ao artigo de Tobias Barreto e as críticas feitas por Nietzsche na “primeira consideração extemporânea” à David Strauss, mostrando uma espécie de similaridade estética que o filósofo alemão possuía com o intelectual sergipano.

<sup>80</sup> PAIM, Antonio. *A Escola do Recife: Estudos complementares à História das Idéias Filosóficas no Brasil* – Vol. V, UEL, São Paulo, 1997. P. 101.

<sup>81</sup> PANTUZZI, Tiago Lemes. *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: A Escola de Pernambuco*. São Paulo, 2016, P. 32.

<sup>82</sup> PANTUZZI, Tiago Lemes. *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: A Escola de Pernambuco*. São Paulo, 2016, P. 33

Tobias Barreto cita alguns autores que sofreram críticas do seu estilo metodológico, entre eles menciona David Strauss e Friedrich Nietzsche, em que Nietzsche crítica fortemente Strauss pela sua forma de escrita, no sentido gramatical da língua alemã; em que da mesma forma fez Tobias Barreto em relação a Alexandre Herculano, poeta português da era do Romantismo, fazendo críticas à parte gramatical de sua obra. Ou seja, Tobias Barreto toma uma atitude similar a de Nietzsche na obra “A primeira consideração extemporânea”.

No que diz respeito ao estilo usado pelo sergipano Tobias Barreto para refutar as críticas do Sr. Rodrigues, em seu escrito em que manifesta a mais antiga menção ao filósofo alemão, Tobias Barreto representa por meio da leitura de Nietzsche, uma espécie de construção da sua crítica.

Nesse sentido, podemos partir da hipótese de que Tobias Barreto o considerava apenas um linguista, já que o mesmo só faz críticas em relação ao estilo de escrita do filósofo alemão e não ao conteúdo em si.

Ademais, sem levar em consideração o contexto em que Nietzsche é citado: - em 1876 já havia tido conhecimento sobre Nietzsche e que sua obra já fora usada como fonte para a construção de algumas críticas literárias.<sup>83</sup> Ademais, outra informação de suma relevância para a compreensão de Nietzsche aqui no Brasil, é que a menção do filósofo alemão aqui no Brasil, mais precisamente na atual região do Nordeste, antecede a publicação de uma de suas obras mais famosas e que conseqüentemente lhe deu **fama** por toda a Europa, “Assim Falou Zaratustra”, tornando ainda mais reveladora a relação de Tobias Barreto, intelectual nordestino, com a cultura e o pensamento alemão.

Percebe-se que no Brasil, o contato com a obra nietzschiana se dá concomitantemente às primeiras influências e apropriações alemãs, já que Nietzsche só passa a ser pesquisado com mais intensidade nos anos 90 do século XIX. Nesse interim, que Nietzsche é citado, pode-se partir da hipótese de que a influência do filósofo alemão não tenha se limitado apenas a Tobias Barreto.

Nota-se que as obras de Nietzsche não ficaram isoladas, já que houve certa difusão de sua obra no meio acadêmico da Faculdade de Direito do Recife e que essa difusão, era feita justamente pelos alunos de Tobias Barreto.

---

<sup>83</sup> PANTUZZI, Tiago Lemes. A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: A Escola de Pernambuco. São Paulo. 2016.

O filósofo alemão é tido como ponto de passagem para Goethe, um guia que encaminha os estudantes a um novo autor, conduzindo os estudantes para a literatura alemã, corroborando com a ideia de um Nietzsche de Tobias Barreto, que remete à literatura presente nos alunos deles.<sup>84</sup>

Desse modo, Nietzsche serviu também como ponto de partida para a leitura de outros autores, o que contribuiu para propagar de certa forma seu nome entre os discentes de Tobias Barreto, e além do mais, mostrar que o filósofo alemão não era um intelectual isolado entre as leituras da Faculdade de Direito do Recife.

Contudo, o autor se utiliza de afirmações um tanto quanto forçadas, pois segundo Antonio Paim como foi mencionado anteriormente, Tobias Barreto é um grande leitor de inúmeros autores alemães, mas isso não implica dizer, necessariamente, que a partir da leitura de Nietzsche tenha levado esses alunos a conhecerem Goethe e Schopenhauer por exemplo, já que ambos eram extremamente conhecidos no meio acadêmico da época, em outras palavras, nada disso garante que Nietzsche tenha levado esses alunos a outros intelectuais.

Ademais, em pesquisas feitas sobre Tobias Barreto pela própria Faculdade de Pernambuco, que fez uma conservação dos livros do autor Sergipano, – tanto os livros publicados como o de sua biblioteca particular – não encontraram os livros dos autores alemães que Tobias Barreto cita. Porém, levando como base o trajeto intelectual meio torto que os acadêmicos faziam à Tobias Barreto, pode-se perceber outro fato bastante curioso: - a menção que traz Nietzsche aparece em 1876, e as diversas citações à Schopenhauer, por exemplo, só aparecem depois desse ano, tanto é que foi mostrado anteriormente a revista “Estudos Alemães”, que só é publicada em 1883, segundo a biblioteca do Senado Federal<sup>85</sup>.

Buscando situar os leitores de uma possível semelhança entre o filósofo alemão e o autor sergipano, Nietzsche na “Primeira consideração extemporânea”, crítica duramente David Strauss,<sup>86</sup> por achar nele a negação do “espírito alemão” que fora desenvolvido por Schopenhauer e Richard Wagner. A crítica em si é direcionada aos intelectuais eruditos, à precariedade de estilo e a obrigação de uma legítima da cultura alemã.

O filósofo alemão exclama seus pares por deturparem a condição militar e cultural. Para Nietzsche, a animação de Strauss é confundida com o problema da existência da dor e do sofrimento. No entrelaçado da crítica, Nietzsche mostra que a linguagem e a escrita se

<sup>84</sup> PANTUZZI, Tiago Lemes. A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: A Escola de Pernambuco. São Paulo. 2016, P. 35-6

<sup>85</sup> <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242773>, encontrado em: <http://www12.senado.leg.br/hpsenado>, acessado em: 30/11/2017.

<sup>86</sup> Teólogo e exegeta alemão.

mostram para retratar o mundo e não para alcançarem sua plenitude. Mas, essa obra de Nietzsche não faz menção apenas ao estilo linguístico, mas também às críticas para a cultura em voga na sua época, pois os dois estão conectados. Na perspectiva de Nietzsche,<sup>87</sup> a cultura seria uma espécie de elemento aglutinador da arte de uma sociedade. Por isso, segundo Nietzsche, David Strauss seria uma personificação do que ele chamara de Filisteu da cultura:

E assim a civilização efetiva, em seu combate, deixa de lado aquelas cidades e sente com o melhor de seus instintos que ali, para ela, não há nada a esperar e muito a temer. Pois a única forma de civilização e de cultura que pode ser oferecida pelo olho apagado e pelo embotado órgão de pensamento da corporação dos eruditos é justamente aquela cultura de filisteu, cujo evangelho Strauss anunciou.<sup>88</sup>

Dessa forma, David Strauss é considerado o autêntico filisteu, porque está saciado com a sua intelectualidade alemã. Ele é nítido em seu ponto de vista sobre Strauss, mostrando sua obra como um exagero e um absurdo. Ademais, também escreve sobre a falta de bom senso e arcabouço teórico-metodológico de Strauss. Por fim, ainda escreve que o alemão de Strauss é irracional e dubitável.<sup>89</sup>

Pois bem, essa crítica à linguagem é o que se pode ver na citação de Tobias Barreto, que parece ser ainda o único aspecto que ele absorve de toda a obra, porém, ignora toda a problemática sobre a cultura e as respectivas críticas do filósofo alemão.

O ponto nevrálgico da obra de Nietzsche em 1873 é a falsa cultura alemã que orgulhosa da “originalidade” de suas faculdades institucionais dá sermão ao estrangeiro, indubitavelmente, que o povo alemão se transformou em um povo mais erudito, graças a esta cultura. Nietzsche afirma que é uma tarefa bastante difícil ser um bom escritor na Alemanha, pois falta uma área própria para seus respectivos estudos e não há uma coesão de estilos.<sup>90</sup>

---

<sup>87</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações extemporâneas*. In: \_\_\_\_: Obras Incompletas. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 267-298.

<sup>88</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações extemporâneas*. In: \_\_\_\_: Obras Incompletas. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 271.

<sup>89</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações extemporâneas*. In: \_\_\_\_: Obras Incompletas. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 267-298

<sup>90</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações extemporâneas*. In: \_\_\_\_: Obras Incompletas. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 267-298

Nesse sentido, Nietzsche chama atenção para um problema: como Strauss, um intelectual tão instruído não notou seu estado de cultura, ou seja, não olhou para si mesmo, acumulando em torno de si vários estilos e seguindo de forma incoerente com a sociedade?

É controverso que, em sua obra de 1873, Nietzsche ratifica que os franceses possuem uma cultura legítima, porém, seus leitores aqui no Brasil, Tobias Barreto e Silvio Romero, viam a Alemanha e não a França, um paradigma cultural a ser incorporado no Brasil. Esse é um dos aspectos polêmicos da relação destes sergipanos com o alemão.

Além do mais, talvez seja até por esse motivo que Tobias Barreto não simpatizou efetivamente com as “Considerações extemporâneas” de Nietzsche. Pois Nietzsche, crítica duramente a cultura alemã, visto que Tobias Barreto idealizava utopicamente esta cultura. Os pontos entre esses intelectuais já começam a divergir daí. Confirmando essa nossa hipótese, Pantuzzi assevera: “O texto de Nietzsche, também vai contra a ideia de Romero, de que a Alemanha forneceria a configuração ideal para a salvação do povo brasileiro.”<sup>91</sup>

Ademais, a obra alemã acabaria com todo o projeto que se tinha na faculdade do atual Nordeste, especialmente se for posto em meio às disputas entre as instituições brasileiras de regiões distintas.

Vale salientar a controvérsia de que, uma vez que alguns intelectuais do Norte brasileiro estavam preocupados em se afastar da cultura francesa ou europeia em partes, pecavam em inserir-se a uma cultura tida como medíocre para Nietzsche.

Por este motivo, Tobias Barreto deixou de lado o aspecto filosófico do escrito nietzschiano que diz respeito sobre a cultura. Pode-se perceber que Tobias Barreto era contrário às ideias de Nietzsche na “Primeira consideração extemporânea” em que se pôde notar por meio de alguns escritos de Silvio Romero.<sup>92</sup>

Em outras palavras, a obra de Nietzsche não ajudaria em nada nas disputas intelectuais entre as instituições do Sul e do Norte, muito pelo contrário, só reforçaria a massificação da cultura francesa das faculdades de renome do país, coisa que na Faculdade de Direito do Recife, mais precisamente pela Escola do Recife, estava querendo desmistificar.

---

<sup>91</sup> PANTUZZI, Tiago Lemes. A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: A Escola de Pernambuco. São Paulo. 2016, P. 39

<sup>92</sup> Ver: ROMERO, Silvio. *Zéverissimas ineptas da crítica: repulsas e desabaços*. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909.

Ademais, sem contar com uma obra de Tobias Barreto em que se encontra uma menção nítida à Nietzsche, há um escrito onde há citações indiretas ao filósofo alemão. Nesse sentido, seria um escrito de 1874 que contém essa citação indireta, inclusive ligada à David Strauss, onde pode-se notar que na citação há aspectos em comum com os estudiosos de Nietzsche.

O escrito pode ser encontrado em “Obras completas de Tobias Barreto”, em um volume específico nomeado de “Estudos Alemães”. Portanto, ainda não há como provar que a leitura de Nietzsche tenha afetado em algo a perspectiva de Tobias Barreto em relação ao teólogo alemão David Strauss, ou se sua leitura em 1876 tenha mudado em alguma coisa seu ponto de vista em relação ao exegeta alemão.

Além disso, Tobias Barreto escreve uma espécie de biografia sobre David Strauss, onde nessa biografia o autor sergipano mostra informações sobre a formação de Strauss e sobre uma de suas publicações mais famosas, como por exemplo “Vida de Jesus”. Nesta pequena biografia fica nítida a simpatia do autor sergipano com o exegeta alemão em 1874. Perceba nessa citação de Tobias Barreto:

Strauss é para mim o tipo mais acabado daquele esforço e heroísmo intelectual, que não admite equívocos nem circunspeções interessadas, e que, por isso, tão preciso se faz ao nosso século, encarregado pela providência de apagar os últimos vestígios da idade média. De feito, se entre os vastos espíritos do tempo, dificilmente pode-se encontrar um talento superior, não é nos é difícil achar uma igual coragem. É certo, que antes dele, tinha Feuerbach dado exemplo de soberana ousadia, no modo de resolver as mais terríveis questões que se possam agarrar-se ao cérebro humano.<sup>93</sup>

Porém, há um momento, em que Tobias Barreto em sua pequena biografia sobre Strauss traz Ludwig Feuerbach, filósofo alemão, afirmando que o mesmo era um dos maiores pensadores do século XIX. Nesse interim, o autor sergipano escreve com animação sobre os escritos de Feuerbach, e utilizava um termo bastante simpatizante dos leitores de Nietzsche: - “dionisíaco” – que está presente em “O nascimento da tragédia”<sup>94</sup>, em que Nietzsche faz uma análise de forças distintas: a apolínea e a dionisíaca, é nessa parte que se idealiza uma citação indireta à Nietzsche por parte de Tobias Barreto:

Bem sabemos quão grande entusiasmo provocaram os escritos do celebre filósofo, quando apareceram pela primeira vez. Houve uma espécie de embriaguez dionisíaca, segundo exprime-se Jung, por ver-se de novo unidas, como outrora entre os helenos, a poesia e a filosofia no mais estreito abraço da intimidade fraterna.<sup>95</sup>

<sup>93</sup> BARRETO, Tobias. *Obras completas vol. 8*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926. P. 487.

<sup>94</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>95</sup> BARRETO, Tobias. *Obras completas vol. 8*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926. P. 488.

Ou seja, a expressão “embriaguez dionisíaca” nos remete à uma obra de Nietzsche citada anteriormente. Pois, a embriaguez é um dos aspectos de Dionísio, em que o filósofo alemão escreve sobre as festas dionisíacas que eram estigmatizadas pela dança e pela música.

Visto isso, há um problema: se levar em consideração que Tobias Barreto simpatizava com esses conceitos a ponto de utilizá-los para enaltecer a figura de David Strauss, por que o mesmo não utilizou quando mencionou Nietzsche na sua obra? Esse problema pode respondido com a seguinte hipótese: a de que Tobias Barreto parece entrar em acordo apenas com a crítica de Nietzsche em relação à estética da língua alemã, para não colocar Strauss em evidência, como um intelectual medíocre, segundo Nietzsche.<sup>96</sup>

Dessa maneira, tudo isso contribui para dar sustentação à ideia de que Tobias Barreto utilizou a teoria nietzschiana apenas na parte gramatical ou estética, mas não com o fundo filosófico em que Nietzsche critica a cultura alemã. Porque nesse caso, se Tobias Barreto concordasse com o fundo crítico-filosófico de Nietzsche ele estaria ofendendo seus princípios e convicções, e também os da Escola do Recife.

Nesse sentido, a conversação de estética linguística é colocada em um patamar acima do fundo crítico-filosófico. Ou seja, a estética é de bastante relevância para Nietzsche, é a forma como o autor expressa seus sentimentos e anseios no texto. Entretanto, é nesse momento que o autor sergipano foca sua teoria em cima de Nietzsche, através da estética linguística. Contudo, para o filósofo alemão, a cultura é algo primordial, perceptível nas suas obras supracitadas.

Ademais, a questão da cultura e da formação ética do homem são problemas para Nietzsche desde o fim da guerra Franco Prussiana, depois da experiência que o mesmo teve nas batalhas enquanto enfermeiro<sup>97</sup>. Além disso, é curioso pensar que, Tobias Barreto não faz qualquer questionamento ou análise desse cunho em seus textos, ou seja, ela apenas faz uma apropriação/leitura sem interesse filosófico em Nietzsche, apenas utilizou o quesito estético presente nas obras o filósofo alemão.

Dessa maneira, a relação entre Nietzsche e sua obra “O nascimento da tragédia” faz relação com a menção na biografia de Tobias Barreto sobre Strauss, pois nela estão presentes

---

<sup>96</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações extemporâneas*. In: \_\_\_\_: Obras Incompletas. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 267-298

<sup>97</sup> MARTON, Scarlett. Nietzsche: A Transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993.

aspectos como a embriaguez, o dionisíaco e a relação da cultura grega com a arte contemporânea.<sup>98</sup>

Outro fator interessante encontra-se em uma parte do livro em que Silvio Romero advoga e dá ênfase à ideia de Tobias Barreto, afirmando nitidamente que os dois não são gratos e que nada devem ao filósofo alemão Friedrich Nietzsche, quando afirmaram que a metafísica estava morta.

A afirmativa de Silvio Romero de que a metafísica estava morta constitui evento de maior relevância no processo de formação da Escola de Recife. Tobias Barreto, desde logo, segundo se indicará mais pormenorizadamente logo adiante, apresenta a questão em forma de pergunta: - Deve a metafísica ser considerada morta? – e a responde negativamente. Mas suas razões serão bem diversas daquelas de seus velhos mestres, motivo porque teria a oportunidade de dizer que a afirmativa de Silvio Romero “causara no corpo docente espanto igual ao que teria produzido um tiro de revólver que o moço acadêmico tivesse disparado sobre os doutores”.<sup>99</sup>

Silvio Romero em sua obra “Zéverissimações ineptas da crítica”, em um dos capítulos da obra, Nietzsche é citado em diversas passagens. Perceba em um trecho da obra de Silvio Romero, em que Nietzsche é mencionado antes mesmo de suas obras chegarem em Pernambuco, afirmando que:

Quando a davam aqui por morta (errado!), já Frederico Nietzsche afrontava (está errado, só Nietzsche entrou a philosophar) com as suas ousadias o pensamento geral e as concepções positivas<sup>100</sup>.

Essa parte da obra é de suma relevância, pois mostra que num dado momento Nietzsche não era considerado um filósofo, mas apenas um literato, e só depois começou a trabalhar com filosofia. E é assim sucessivamente em boa parte da obra de Silvio Romero, ataques ferrenhos à filosofia de Nietzsche: “E a desgraçada estaria a methaphysica para todo sempre, se ella tivesse de esperar por Nietzsche para reflorescer.”<sup>101</sup>

Na parte em que Silvio Romero formula essas críticas à Nietzsche é possível perceber também que o autor tinha conhecimento de uma obra do filósofo alemão: “A gaia ciência”. Essa informação tira um pouco o foco da questão em que os intelectuais de Pernambuco liam as obras em alemão, visto que, Silvio Romero leu uma das obras de Nietzsche em italiano, pelo fato dele usar expressões nativas dessa língua:

<sup>98</sup> BARRETO, Tobias. *Obras completas vol. 8*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926

<sup>99</sup> PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio. 1981. P. 19.

<sup>100</sup> ROMERO, Silvio. *Zéverissimações ineptas da crítica: repulsas e desabaços*. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909, p. 77.

<sup>101</sup> ROMERO, Silvio. *Zéverissimações ineptas da crítica: repulsas e desabaços*. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909, p. 79.

Cae na patetice, de appellar para Nietzsche como sendo um fogoso methaphysico, exatamente no tempo em que eu déra, no Recife (1875), por morta a methaphysica n'essa defesa de theses que me valeu um processo criminal, quando a verdade atestada por todos os biógraphos do autor de La Gaya Scienza, é que só mais tarde começou ele a occupar-se seriamente da philosophia.<sup>102</sup>

Além do mais, Silvio Romero mostra sobre a defesa de teorias e procura mostrar que apenas Tobias Barreto mostrou a direção que se pode considerar “viva a metafísica”. Existem alguns problemas na obra de Silvio Romero, advogando sempre sua glória de ter colocado um ponto final na metafísica do filósofo alemão, e um dos problemas está no recorte temporal em que essa mesma obra foi escrita:

Como Romero pode dizer que não precisou esperar por Nietzsche, se o filósofo alemão foi citado pelo seu companheiro Barreto no mesmo ano em que começaram a escrever juntos a obra *Philosophia no Brasil*? Além disso, Romero fala que tudo que fizeram foi escrito antes da chegada de Nietzsche, que a fama do filósofo alemão no Brasil é recente, coisa de doze anos apenas. Isso não faz o menor sentido porque o texto que estamos citando de Romero foi publicado em 1909, ou seja, de acordo com o autor de *Philosophia no Brasil*, Nietzsche ficaria conhecido a partir de 1897, mas ele é citado explicitamente trinta e três anos antes por Barreto em 1876. (p. 46, 2016)<sup>103</sup>

Esse é um dos problemas que não é possível ser respondido, devido à escassez de fontes ou fontes que foram se perdendo com o tempo. É interessante também perceber como não apenas Tobias Barreto fazia leituras a respeito de Nietzsche, mas também seu parceiro Silvio Romero, em que o mesmo faz fortes críticas ao filósofo alemão: “Nietzsche não se preocupou com o problema universal. Seu interesse foi sempre mais pelo problema humano, pelo destino d’esse parasita da terra, na pharse de d’Assier”<sup>104</sup>

Por fim, pode-se notar que, Tobias Barreto foi até certo ponto um razoável leitor de Nietzsche, e é considerado um dos maiores intelectuais brasileiros, conhecido como o professor que lia filosofia e estava habituado a redigir biografias e analisar vários textos em alemão para construir suas críticas e teorias.

Ademais, levando em consideração que o mesmo leu a obra original de Friedrich Nietzsche bem antes de mencioná-lo em 1876, o autor sergipano não estava encucado em estar em contato com um texto redigido em aforismos. “As considerações extemporâneas” de Nietzsche buscam esclarecer questões e são objetivos em suas temáticas.

<sup>102</sup> ROMERO, Silvio. *Zéverissimações ineptas da crítica: repulsas e desabaços*. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909, p. 78.

<sup>103</sup> PANTUZZI, Tiago Lemes. *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: A Escola de Pernambuco*. São Paulo, 2016, P. 46.

<sup>104</sup> ROMERO, Silvio. *Zéverissimações ineptas da crítica: repulsas e desabaços*. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909, p. 96

Porém, malgrado desses aspectos, Tobias Barreto não executa uma análise essencialmente filosófica, que pode ser compreendida como apenas uma simples apropriação termal/estética dos conceitos nietzschianos. Dessa maneira, nota-se que Tobias Barreto fez uma apropriação gramatical que lhe era pertinente das ideias de Nietzsche, ou seja, o mesmo não fez um estudo bem mais aprofundado e procurando entender a crítica filosófica de Nietzsche.

Ademais, podemos também apontar a possibilidade de que Tobias Barreto não fez o uso dessas críticas filosóficas nietzschianas, ou seja, não se aprofundou em Nietzsche, talvez com a finalidade de não prejudicar a imagem da Faculdade de Direito do Recife, que era considerado um centro intelectual altamente tradicionalista, que não ia de encontro às ideias nietzschianas.

Além do mais, Silvio Romero mostra em sua obra, com bastante força, que ficou aflito de sua teoria não ter sido reconhecida e que segundo ele, Nietzsche não teve relevância naquele período supracitado. Quiçá, Tobias Barreto não teve um contato direto com a obra de Nietzsche, ou tenha tido uma leitura desinteressada ou seletiva, ou talvez ainda, Nietzsche não teve relevância alguma na vida do autor sergipano.

Contudo, se notarmos o contexto histórico e a relação filosófica daquele período, as discrepâncias encontradas nas datas das publicações de certas obras, a disputa entre as faculdades brasileiras e a forma como Silvio Romero deu relevância à obra de Nietzsche, pode-se partir do pressuposto de que o filósofo alemão de alguma maneira estava conectado aos interesses da Escola do Recife. Ademais, ainda que as obras de Nietzsche não estejam conectadas assiduamente com as obras de Silvio Romero e Tobias Barreto, os dois foram importantes para a difusão e inserção das obras de Nietzsche na Escola do Recife e que por lá ganhou atenção de acadêmicos pósteros.

## 5 – Considerações finais

Como foi visto, Friedrich Wilhelm Nietzsche, filósofo alemão teve uma trajetória de vida extremamente conturbada e marcada por uma série de crises, seja na vida pessoal ou na vida acadêmica. O filósofo alemão era atento à temáticas como a religião, a moral, a ética, a cultura contemporânea e a ciência, na maioria das vezes escrevendo suas obras em forma de aforismos, metáforas e ironias. O mesmo escreve no final do século XIX na Alemanha, onde na Europa e também no Brasil estavam em voga correntes ideológicas científicas, onde prezavam o rigor documental, a exatidão científica e o empirismo.

Além dos mais, procurando responder à questão explicitada na introdução desse trabalho: - como as ideias nietzschianas foram recepcionadas na Escola do Recife? Partimos do pressuposto que, como as correntes ideológicas vigentes da historiografia e não somente da historiografia brasileira, eram correntes de teor científico, as ideias de Nietzsche não eram convenientes para os intelectuais daquela época no Brasil. O máximo que poderiam fazer em relação às ideias nietzschianas, eram leituras seletivas e utilizações de estética e linguística desenvolvidas pelo filósofo, mas não a fim de analisarem a fundo suas obras e tomarem elas como modelo teórico.

Como foi explicitado no terceiro capítulo desse trabalho, Tobias Barreto foi sim leitor de Nietzsche, isso é inegável, no entanto, o autor sergipano fazia apenas leituras seletivas, como forma de utilização de alguns termos nietzschianos, ou seja, de meios estéticos e linguísticos para a construção de suas próprias ideias, mas não fazia um aprofundamento teórico em relação ao filósofo alemão e sua filosofia crítica e intempestiva. O que levou à conclusão de que, os ideais nietzschianos eram inconvenientes ou não eram bem-vistos por boa parte dos intelectuais brasileiros da época, como é o caso de Tobias Barreto e Silvio Romero, onde este último critica Nietzsche de forma explícita e assídua.

Partimos ainda do pressuposto que, Tobias Barreto talvez só não se aprofundou nas obras nietzschianas devido ao local de onde ele produzia: Faculdade de Direito do Recife. Ou seja, Tobias Barreto não fazia o uso das ideias Nietzsche mais efetivamente devido ao que poderia acontecer com a imagem da Faculdade de Direito do Recife na época, ele tinha certo receio com esse quesito, pois a instituição na qual o sergipano fazia parte, era uma das mais renomadas e tradicionais do país naquela época.

Dessa forma, este trabalho serviu para abordar e reforçar que as ideias nietzschianas no final do século XIX tiveram má e dificultosa recepção não somente na historiografia, que

nem sequer chegou a ter uma relação indireta ou evidente registrada, como também em outras áreas das ciências sociais, devido ao teor intempestivo das obras nietzschianas que eram inconvenientes aos intelectuais do seu período, e que estes estavam mais preocupados em outros tipos de temáticas e estavam, ademais, envolvidos em teorias científicas, teorias estas, que o próprio Nietzsche criticava fortemente.

De mais a mais, sintetizando o que foi explicitado nesse trabalho, percebe-se que as obras de Nietzsche vieram à tona no Brasil em um período em que estavam em voga teorias científicas europeias. Na historiografia por exemplo, estava bastante presente a influência de Auguste Comte com o seu positivismo, mas no caso da Escola do Recife estava com bastante presença, o pensamento evolucionista de Herbert Spencer, em que o próprio Tobias Barreto era aderente de algumas ideias, e por último e não menos importante, o historicismo alemão trazido por Capistrano de Abreu, que deu um tom de ineditismo na historiografia e na produção intelectual do século XIX.

Ademais, pode-se partir do pressuposto de que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) não era o único centro de produção intelectual no campo da história e das ciências sociais, pois havia também a Faculdade de Direito do Recife, que buscava dar à cultura brasileira daquela época contribuições que divergiam do ideário predominante nas instituições de ensino superior do país, como uma forma alternativa de produção intelectual, mais precisamente por meio da Escola do Recife.

Por fim, pode-se lançar a hipótese de que as ideias de Friedrich Nietzsche, não tiveram uma boa recepção por parte dos intelectuais brasileiros do final do século XIX, devido justamente às correntes ideológicas que estavam em voga naquele momento no Brasil serem completamente divergentes dos ideais nietzschianos, e que a doutrina católica, segundo José Murilo de Carvalho, mostra que também estava incrustada na maioria das instituições brasileiras de ensino daquele período, o que dificultou e muito as interpretações a respeito do filósofo alemão, já que o mesmo criticava fortemente a doutrina católica e as correntes ideológicas vigentes naquele período.

## 6 - Referências bibliográficas

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: A Transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 1993.

BARRETO, Tobias. *Estudos de filosofia*. São Paulo: Grijalbo, 1977.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida / Friedrich Nietzsche; tradução Marco Antônio Casanova*. - Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

\_\_\_\_\_. *Considerações extemporâneas*. In: \_\_\_\_: *Obras Incompletas*. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 267-298

\_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. *O estado do direito entre os autóctones do Brasil*. Trad. Alberto Löfgren. Revista A. C. Miranda Azevedo. Belo Horizonte/ São Paulo: Ed. Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, 1982.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 9. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2004.

BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origens*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

BARROS, José D'Assunção. *Dois fases de Capistrano de Abreu: em torno de uma produção historiográfica*. Projeto História, n°41, dez.2010. São Paulo: Nova Fronteira; PUC-SP, 2011.

PANTUZZI, Tiago. *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola do Recife/ Tiago Pantuzzi – orientadora Scarlett Marton.* – São Paulo, 2016. 103 f. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Filosofia. Área de concentração: Filosofia.

KRUMMEL, Richard Frank. *Nietzsche und der Deutsche Geist*, Band 1. Nova Iorque: de Gruyter, 1998.

PAIM, Antônio. *A filosofia da Escola do Recife*, São Paulo. Editora Convívio, 1981.

BARRETO, Tobias. *Obras completas* vol. 8. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926.

ROMERO, Silvio. *Zéverissimações ineptas da crítica: repulsas e desabafos*. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909.

NETO, Leandro Carvalho Damacena. *A Historiografia brasileira do século XIX e a questão racial*. In: \_\_\_\_\_ Sérgio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo & Flávia Florentino Varella (org.). Caderno de resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. Ouro Preto: EdUFOP, 2008. (ISBN: 978-85-288-0057-9)

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras: 1990

WHELING, Arno. *Construindo o Estado e a Nação (nas origens do IHGB)*. In.: Carta Mensal |Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo – v. 1, n. 1 (1955) – Rio de Janeiro: CNC, agosto 2012, n. 689.

GUIMARÃES, M. *Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional*. Revista Estudos Históricos, Brasil, 1, jan. 1988.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "A criação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro"; Brasil Escola. Disponível em < <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/a-criacao-instituto-historico-geografico-brasileiro.htm>>. Acesso em 21 de agosto de 2018.

MARTIUS, C. F. von - *Como se deve escrever a História do Brasil*, publicado com O Estado de Direito entre os autóctones do Brasil. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1982.

RODRIGUES, José Honório; MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. *Como se deve escrever a História do Brasil*. In: Revista de História da América, Nº 42, dezembro de 1956, pp. 433-458.

CAVALCANTI, Flavio R. (2018). «Varnhagen e a capital no planalto central - Uma proposta única». Cópia arquivada em 13 de setembro de 2017.

Cientificismo e ficção de Nina Rodrigues. Ciência e Cultura - Agência de Notícias em CT&I da Bahia, 4 de maio de 2013.

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: Edusf, 1998, apud PAZ, Clilton Silva da. *Um monumento ao negro: memórias apresentadas ao Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife, 1934*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007, p. 223.

KETTNER, Michele Nascimento. *Manoel Bonfim: ensaiando a mestiçagem em América Latina*. Ci&Trop., Recife, v.34, n.1, p.135-154, 2010.

IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro & Belo Horizonte: Nova Fronteira & UFMG, 2000.

GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano. Capistrano de Abreu (1853-1927): memória, historiografia e escrita de si*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

ABREU, Capistrano de. *O Descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 65.

IHGB (2018). «João Capistrano de Abreu»

«A Belle Époque no Brasil». História hoje. 1 de julho de 2017. Consultado em 21 de agosto de 2018.

BARBOSA, Maria Ignez. «A vida na belle époque carioca». O Estado de S. Paulo, 4 de abril de 2010.

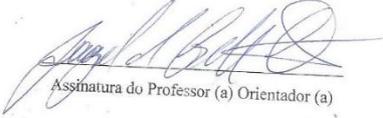
## 7 – Anexos

**APÊNDICE I**  
**TERMO DE ACEITE – ORIENTAÇÃO DO TCC**  
**Curso de História**

Eu, JAAZIEL DE CARVALHO COSTA, professor (a) desta  
Universidade, lotado (a) no Curso de História, aceito orientar o (a) discente  
Dennis Fernando Amigo Sampaio  
\_\_\_\_\_,  
matricula nº 2014301052, na elaboração do seu TCC, cujo  
projeto é  
intitulado: Um Combustível Interrogatório: A inclusão  
cinefotográfica na historiografia brasileira 1970-1980

Ressalta-se que os direitos e deveres do discente e do orientador seguem o estabelecido  
no Regimento do TCC do Curso de História.

Picos-Piauí, 06 de Julho de 2017.

  
Assinatura do Professor (a) Orientador (a)



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 (X) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, Daniel F. Araújo Sampaio,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Um conhecimento indomptável: a recepção mitológica  
na no Exílio do Recife nos anos 1880-1890, a historiografia  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 07 de Novembro de 2018.

Daniel F. Araújo Sampaio  
Assinatura